



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECONCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

KAMILLA DE ALMEIDA LEAL

**EXTENSÃO E PESQUISA-AÇÃO NA CASA DO DUCA: UMA EXPERIÊNCIA
JUNTO AO PROJETO “Memória, Cultura e Corporeidade: o Universo Infantil
como Produtor de Saberes”**

**AMARGOSA – BA
2022**

KAMILLA DE ALMEIDA LEAL

**EXTENSÃO E PESQUISA-AÇÃO NA CASA DO DUCA: UMA EXPERIÊNCIA
JUNTO AO PROJETO “Memória, Cultura e Corporeidade: o Universo Infantil
como Produtor de Saberes”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, para conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Alice Costa Macedo

**AMARGOSA - BA
2022**

KAMILLA DE ALMEIDA LEAL

**EXTENSÃO E PESQUISA-AÇÃO NA CASA DO DUCA: UMA EXPERIÊNCIA
JUNTO AO PROJETO “Memória, Cultura e Corporeidade: o Universo Infantil
como Produtor de Saberes”**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Pedagoga, pela seguinte banca examinadora.

Amargosa, 13 de Dezembro de 2022.



Profa. Dra. Alice Costa Macedo (Orientadora)
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Profa. Me. Edmila Silva de Oliveira
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Profa. Dra. Luana Patrícia Costa Silva
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Dedico este trabalho a Deus, autor do meu destino, a minha família que muito me apoiou e incentivou a realizá-lo e a todos(as) que contribuíram ao longo desta caminhada. Sem vocês nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, à Deus, pela vida que me deu, pela minha história que ele escreveu, por tua grandeza e por seu amor incondicional. Mesmo diante aos conflitos sempre está comigo, me guiando, iluminando meus caminhos e abençoando minhas conquistas. “Aquele que habita no esconderijo do altíssimo, à sombra do onipotente descansará”, gratidão eterna Senhor por todo seu cuidado, por tudo o que tenho, por tudo o que sou!

Meu eterno agradecimento à toda minha família, em especial, aos meus grandes influenciadores e símbolos de resistência e superação, os meus pais, Joaquim Queiroz e Eliane Leal, sou grata pelos valores e princípios que a mim foram passados, por me ensinarem a caminhar e assim poder seguir meus próprios passos. Não teria chegado tão longe sem o incentivo de vocês. E também a minha irmã, Emilly Leal, por ser tão maravilhosa e importante para mim, sua presença ilumina e abençoa minha vida. Amo vocês incondicionalmente!

Às minhas avós Dina Leal e Valdelice Almeida, e meu avô Carlos Souza, que sempre me ensinaram os valores mais importantes da vida: o amor, o respeito, a humildade e, acima de tudo, a sabedoria. Meu muito obrigada, vocês são preciosos demais para mim.

Aos meus amigos de infância, em especial, minhas amigas Maria Luísa Cabral, Yasmin Moraes e Ana Giulia Dias, gratidão por tudo que vivemos até aqui, por nossas resenhas, pelos conselhos e por compreenderem minha ausência em diversos momentos enquanto estava me dedicando para a realização desse trabalho.

Ao meu namorado Rildo Sena por toda paciência, carinho, incentivo e companheirismo, por suportar tantas crises de estresse, de ansiedade e noites mal dormidas, e por somar na minha vida. Gratidão também a toda sua família, em especial, à minha sogra Maria de Lourdes Sena, que já se foi, mas foi uma das pessoas mais especiais e carinhosas que tive a honra de conhecer, jamais vou me esquecer do seu sorriso, da sua luz, tenho certeza de que um dia nos reencontraremos.

Gratidão eterna à Universidade, pela oportunidade de ingressar no curso de Licenciatura em Pedagogia e me oportunizar grandes experiências.

Aos meus professores e professoras, pelos ensinamentos que foram imprescindíveis para o meu processo de formação pessoal e profissional, em especial, à minha orientadora Profa. Dra. Alice Costa Macedo, que acompanhou toda minha trajetória acadêmica e que contribuiu muito para a realização dessa pesquisa. Sou imensamente grata por sua paciência, apoio e incentivo.

Gostaria de agradecer imensamente às professoras, Me. Edmila Silva de Oliveira e Dra. Luana Patrícia Costa Silva, por terem aceitado fazer parte da minha banca. Gratidão pela confiança depositada no meu trabalho.

Às amigas que fiz durante o curso, em especial, Rosana Sapucaia, Jenniffer Cerqueira, Luana Chaves, Taiane Souza, Vanessa Neres, Beatriz Soares, Beatriz Araujo, Elissandra Medrado, Thamires Brandão, Janine Andrade e Letícia Leone, Thaise Santana que sempre me ajudaram e apoiaram desde o início da minha vida acadêmica. Gratidão por tudo!

Gostaria de agradecer ao Núcleo de Políticas de Inclusão (NUPI) pela oportunidade em atuar como estudante de apoio e acompanhar o discente Michel Pereira durante suas atividades acadêmicas. Você é luz e muito importante para mim, gratidão eterna meu amigo por sua amizade.

Gostaria de agradecer também ao Programa Integração AABB Comunidade por toda oportunidade e contribuição na minha formação profissional e pessoal, por todo laço construído nesse espaço entre os Educandos (as) e todos aqueles que estiveram comigo nesse processo repleto de desafios e vivências: Ediane Borges, Joelma Sodré, Juliana Cordeiro, Carlos Danilo, Tiago Alves Luciano Rezende. Meu eterno agradecimento!

A todos vocês minha eterna Gratidão!

“É exatamente a vida, que aguçando a nossa curiosidade, nos leva ao conhecimento. É o direito de todos à vida que nos faz solidários. É a opção pela vida que nos torna éticos.”

- Paulo Freire

LEAL, Kamilla, de Almeida. **EXTENSÃO E PESQUISA-AÇÃO NA CASA DO DUCA: UMA EXPERIÊNCIA JUNTO AO PROJETO “Memória, Cultura e Corporeidade: o Universo Infantil como Produtor de Saberes”**. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB, Amargosa, Dezembro, 2022.

RESUMO

O presente trabalho científico de natureza qualitativa trata-se de uma pesquisa-ação realizada no espaço de educação não formal CASA do DUCA (Diversidade, Universidade, Cultura e Ancestralidade) a partir do Projeto de Extensão “Memória, Cultura e Corporeidade: o Universo Infantil como Produtor de Saberes”, voltado para crianças de 4 a 6 anos da comunidade São Roque, no município de Amargosa/Ba. Esta pesquisa surgiu de uma inquietação pessoal, tendo como objetivo geral compreender o contexto e desenvolver ações junto ao projeto de extensão realizado no centro cultural de artes CASA do DUCA. As principais bases teóricas que subsidiaram este trabalho acadêmico foram: Chizzoti (2003); Brandão (2007); Freire (1987 e 2005); Gil (2008); Gohn (2006, 2009 e 2014); Graciani (2014), dentre outras, em conjunto com as leis para auxiliar nas discussões presentes nesse estudo. No que se refere à metodologia, os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram observação participante, registros de diário de campo e revisão bibliográfica. Ao final da realização do projeto constatou-se que o fortalecimento de vínculos entre os sujeitos envolvidos nesse processo, bem como o trabalho com as emoções, expressões e sensações para a promoção de momentos em grupo, para a socialização, oportunizam o nascimento de um núcleo de apoio e afetos dentro da própria comunidade. A partir deste projeto foi possível despertar nas crianças o respeito ao outro com mais empatia e consciência social e a valorizar ainda mais as diversidades culturais existentes.

Palavras-chave: Arte; Educação Não Formal; Educador Social; Comunidade; Cultura.

LEAL, Kamilla, de Almeida. **EXTENSION AND ACTION-RESEARCH AT CASA DO DUCA: AN EXPERIENCE WITH THE PROJECT “Memory, Culture and Embodiment: the Children’s Universe as a Producer of Knowledge”**. Federal University of Recôncavo da Bahia-UFRB, Amargosa, December, 2022.

ABSTRACT

The present scientific work of a qualitative nature is an action research carried out in the non-formal education space CASA do DUCA (Diversity, University, Culture and Ancestry) from the Extension Project “Memory, Culture and Embodiment: the Children's Universe as a Producer of Knowledge”, aimed at children from 4 to 6 years of age in the São Roque community, in the municipality of Amargosa/Ba. This research arose from a personal concern, with the general objective of understanding the context and developing actions with the extension project carried out at the cultural center of arts CASA do DUCA. The main theoretical bases that supported this academic work were: Chizzoti (2003); Brandão (2007); Freire (1987 and 2005); Gil (2008); Gohn (2006, 2009 and 2014); Graciani (2014), among others, together with the laws to assist in the discussions present in this study. With regard to methodology, the instruments used for data collection were participant observation, field diary records and literature review. At the end of the project, it was verified that the strengthening of bonds between the subjects involved in this process, as well as the work with emotions, expressions and sensations for the promotion of group moments, for socialization, provide the opportunity for the birth of a nucleus of support and affection within the community itself. From this project, it was possible to awaken in the children respect for others with more empathy and social awareness and to value even more the existing cultural diversities.

Keywords: Art; Non-Formal Education; Social educator; Community; Culture.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CFP	Centro de Formação de Professores
DUCA	Diversidade, Universidade, Cultura e Ancestralidade
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PIBEX	Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Centro Cultural de Artes CAsA do DUCA.....	32
Figura 2: Divulgação na Comunidade São Roque.....	34
Figura 3: Exposição “Dona Santa” na CAsA do DUCA.....	38
Figura 4: Momento de interação e despertar da imaginação.....	41

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1 Educações: Popular, Social, Formal e Não Formal.....	15
2.2 Arte e Educação.....	21
3. PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA CIENTÍFICA.....	24
3.1 Paradigmas Científicos.....	24
3.2 Abordagem da Pesquisa.....	28
3.3 Instrumentos para a Coleta de Dados.....	29
3.4 Campo Empírico da Investigação e Sujeitos da Pesquisa.....	31
3.5 Análise de Dados.....	31
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	32
4.1 O cenário: a CAsA do DUCA.....	32
4.2 O Projeto de extensão: vivências e memórias.....	33
4.3 Pequenos atores e autores: os participantes artistas.....	35
4.4 O projeto em Ação: Oficinas e Atividades.....	37
5. DESDOBRAMENTOS DO PROJETO.....	43
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
8. APÊNDICES.....	50

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico de natureza qualitativa trata-se de uma pesquisa realizada a partir do Projeto de Extensão “Memória, Cultura e Corporeidade: o Universo Infantil como Produtor de Saberes”, no centro cultural de Artes CASA do DUCA (Diversidade, Universidade, Cultura e Ancestralidade), sendo ministrado pela autora desta pesquisa, Kamilla Leal, discente do curso de Licenciatura em Pedagogia, a qual teve a oportunidade de atuar enquanto bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (PIBEX), do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP/UFRB).

Nessa perspectiva, o espaço de educação não formal, CASA do DUCA, localizado na cidade de Amargosa do estado da Bahia, abrange atividades acadêmicas de Extensão, Pesquisa e Ensino voltadas para às comunidades interna e externa, que têm como objetivo viabilizar e estimular a interação dos discentes da universidade com a comunidade, através de atividades que visam contribuir no enfrentamento de problemas e questões sociais e favorecer à construção de novos caminhos e saberes.

Com o intuito de promover o desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da habilidade narrativa, da autoestima e autoimagem, foram realizadas no projeto de extensão atividades extensionistas, para crianças de 4 a 6 anos, através de eixos temáticos, como a ancestralidade indígena, a cultura afro-brasileira e o trabalho com as emoções, baseados em três perspectivas: I) brincadeiras livres, que permitem às crianças serem protagonistas e autônomas de suas próprias brincadeiras; II) intervenções sociodramáticas, voltadas para o trabalho em grupo por meio da dramatização visando o afeto e a interação social entre os envolvidos; e III) atividades artístico-culturais, que promovem e incentivam as mais diferentes modalidades de expressão e manifestação artística e cultural, dentre elas, a música, as peças teatrais, as danças, as produções de desenhos, as pinturas, o cinema, a fotografia, a literatura e os jogos.

Diante da relevância de tais perspectivas foi elencada a seguinte questão norteadora: De que maneira a educação não formal contribui para a formação e desenvolvimento da criança? A fim de obter respostas para este questionamento, esta pesquisa teve como objetivo geral compreender o contexto e desenvolver ações junto ao

projeto de extensão “Memória, Cultura e Corporeidade: o Universo Infantil como Produtor de Saberes” realizado no centro cultural de artes CASA do DUCA.

Sob o mesmo ponto de vista, demarcaram-se os seguintes objetivos específicos: 1) Descrever as ações do projeto de extensão Memória, Cultura e Corporeidade: o Universo Infantil como Produtor de Saberes; II) Desenvolver ações junto ao projeto de extensão mencionado a partir da pesquisa-ação; III) Analisar, através do olhar pedagógico, os impactos gerados pela arte no processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos; e IV) Demonstrar a importância da educação não formal para a promoção de saberes e seus reais desafios.

Sobretudo, a pesquisa-ação foi adotada uma vez que ela surge dentro de um processo de imersão do pesquisador que antecede a pesquisa. Lembrando que antes da ação, existiu a pesquisa, a inquietação da pesquisa. Trata-se de uma pesquisa social que tem caráter participativo e investigativo, assim, “os sujeitos envolvidos na investigação são uma parte significativa do problema pesquisado e a sua resolução serão atravessadas pela mudança de comportamento deles na comunidade” (MELO; FILHO; CHAVES, 2016, p. 154).

As principais bases teóricas que subsidiaram este trabalho acadêmico foram: Chizzoti (2003); Brandão (2007); Freire (1987 e 2005); Gil (2008); Gohn (2006, 2009 e 2014); Graciani (2014), dentre outras, em conjunto com as leis para auxiliar nas discussões presentes nesse estudo.

Em síntese, a presente pesquisa está organizada em: introdução, onde ficam expressas as questões que norteiam o estudo e os objetivos a serem alcançados, a justificativa do trabalho. Em sequência, são destacados os referenciais teóricos baseados numa revisão bibliográfica em artigos e discussões feitas por outros autores. Posteriormente, são destacadas as experiências adquiridas durante o desenvolvimento do projeto de extensão, além das discussões referentes aos caminhos metodológicos percorridos para a realização deste trabalho. Por fim, são destacados os resultados obtidos por meio deste projeto e apresentadas as considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, objetiva-se esclarecer conceitos iniciais sobre o tema buscando discutir a importância da educação não formal para a formação de indivíduos ativos dentro da sociedade, bem como analisar as relações afetivas entre educador e educando no processo de ensino-aprendizagem e sua importância para a construção do conhecimento e formação integral da criança. Por fim, propõe-se discutir a respeito das artes visuais enquanto proposta de intervenção lúdica e a importância das suas diversas modalidades artísticas. Através desses pontos torna-se possível construir um substrato teórico suficiente para dar embasamento às principais discussões acerca da temática.

2.1. EDUCAÇÃOES: Popular, Social, Formal e Não Formal

“Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante” (BRANDÃO, 2007).

Inicialmente, a educação, de modo geral, tem como finalidade em preparar o sujeito e permitir que ele desenvolva habilidades e competências por meio do processo de ensino-aprendizagem, como a capacidade de lidar com suas emoções, de ser mais crítico e reflexivo, de reconhecer seus direitos e deveres, uma vez que “a educação não é mais vista como transmissão de conhecimentos, mas como um processo permanente que se desenrola no ser humano e o leva a apresentar-se a si mesmo, a comunicar-se com outros, a questionar o mundo com base em experiências próprias” (PETERS, 2001, p. 192).

O processo de formação dos indivíduos como cidadãos não acontece apenas nos sistemas de ensino tradicionais, mas sim em campos diferenciados e, diante disso, torna-se imprescindível distinguir os três tipos de educação, que são: educação formal, educação informal e educação não formal.

A educação formal é aquela que se desenvolve principalmente nas universidades e escolas, sendo “formulada a partir de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em âmbito nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação” (DELORENZI, 2019, p. 636),

portanto, um de seus objetivos é formar o aluno enquanto cidadão ativo na sociedade através das distintas disciplinas, ou seja, ela se preocupa mais com o aprender a conhecer, do que o aprender a fazer.

Já a educação informal se desenvolve em espaços de interação entre a família, os amigos, ou seja, é aquela que “socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que pertence por herança, desde o nascimento” (GOHN, 2006, p. 29).

Por fim, a educação não formal, é realizada em qualquer ambiente sem seguir os regimentos formais e utiliza-se de recursos didáticos diversificados e atrativos, e entendida como um instrumento de grande relevância na formação de sujeitos ativos dentro da sociedade, sendo propulsora não somente na construção da cidadania, emancipação e humanização, como também para a produção de saberes e, por isso,

Vem tomando forma e espaço historicamente e se tornando um instrumento essencial na dialógica dos saberes, abrangendo uma dimensão de conhecimentos que vão além dos conteúdos formais. Mesmo com alguns espaços não escolares que trabalham com escolarização, esta, é oferecida de forma diferenciada, com outras perspectivas, ou seja, existe uma preocupação de se formar o sujeito em seus mais variados aspectos (GOMES; SILVA; SILVA, 2016, p. 3).

Nesse sentido, podemos destacar a Educação Popular como um espaço de educação não formal, representada pelo educador brasileiro Paulo Freire que sempre teve conhecimento da relação primordial entre o educador e a educação, deixando evidente sua luta por uma educação democrática e que os movimentos educacionais contra os processos de colonização são fundamentais para a valorização das classes populares, suas realidades, culturas e vivências.

Além disso, destacamos também a Pedagogia Social, uma ciência caracterizada por Graciani (2014, p. 20): “aberta às necessidades populares que busca enraizar-se na cultura dos povos para, dialeticamente, construir outras possibilidades sem aniquilar o passado, mas promovendo a superação”, isto é, surgiu a partir da necessidade de desenvolver métodos educacionais para superar conflitos sociais entre grupos vulneráveis. Nesse mesmo contexto, Machado (2002), complementa:

Têm sido considerados, como objetivos da Pedagogia Social, dois campos distintos: o primeiro referente à socialização do indivíduo, socialização compreendida como ciência pedagógica da educação social do indivíduo, que pode ser desenvolvida por pais, professores e família; o segundo relacionado ao trabalho social, com enfoque pedagógico, direcionado ao atendimento a necessidades humano sociais, desenvolvido por equipe multidisciplinar da qual participa o Educador Social, como profissional da Pedagogia Social (MACHADO, 2002, p. 5).

De acordo com o autor Afonso (2001), a educação não formal vem sendo valorizada cada vez mais por conta da crescente vida social que se vincula à comunidade, enfatizando que a mesma não pode constituir uma desvalorização da educação escolar, muito menos ser construída contra a escola ou até mesmo ser usada como estratégia para destruir os sistemas públicos de ensino. Sem contar que se trata de um processo vinculado à várias dimensões como, por exemplo,

A aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos [...] (GOHN, 2009, p. 31).

Nesse sentido, a educação não formal, quando interligada aos processos sociais desenvolvidos em comunidades, busca não somente a inclusão dos sujeitos inseridos nesses espaços, como também a valorização da riqueza cultural por meio de suas trajetórias e experiências vivenciadas, assim, conforme Gohn (2014),

As práticas da educação não formal se desenvolvem usualmente extramuros escolares, nas organizações sociais, nos movimentos, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sócias. Elas estão no centro das atividades das ONGs, nos programas de inclusão social, especialmente no campo das artes, educação e cultura (GOHN, 2014, p.7).

Além disso, ela afirma também que se trata de “um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade” (GOHN, 2014, p. 40). Logo, as práticas da educação não formal possuem atividades de caráter educativo a fim de tornar os sujeitos dentro da comunidade mais críticos e dinâmicos.

É preciso compreender, no entanto, que a educação pode ocorrer em diferentes locais, tanto dentro ou fora do âmbito escolar. A exemplo disso, podemos citar Paulo Freire, que conseguiu alfabetizar adultos através da partilha do conhecimento popular, sem estar inserido necessariamente numa sala de aula. Segundo ele, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2005, p. 13), uma vez que, o ato educativo acontece em lugares diversificados que também são espaços de construção do conhecimento, independente de espaço físico.

Diante disso, Moreira e Freitas (2018), afirmam que há tempos a escola deixou de ser o único espaço de atuação de um pedagogo, passando a desempenhar suas funções em vários lugares, sejam eles espaços escolares ou não. Sendo assim,

O pedagogo antes visto apenas em escolas, preocupado com o processo de ensino aprendizagem, agora está em outros locais, como educador social em empresas, hospitais, ONGs, associações, igrejas, eventos, formando atualmente um novo campo para o profissional. Afinal, onde houver práticas educativas, se tem uma ação pedagógica exercida por um profissional da educação. Pois não pode-se pensar o pedagogo como conhecedor apenas dos métodos de ensinar, pois o pedagogo lida com a educação como seu todo e suas ramificações, não está restrito apenas ao ensino (REIS, 2013, p.34).

É notório que a presença deste profissional em espaços de educação não formal vem sendo aceita como sujeito capaz de lidar com os diferentes fatos e situações da prática educativa, tendo competências e habilidades para ser mediador e articulador da aprendizagem. Além de trabalhar nos processos de orientação, coordenação e planejamento de atividades que envolvam o trabalho em equipe, visando as suas singularidades de cada indivíduo, bem como suas transformações.

De acordo com o Ministério do Trabalho, em seu documento menciona a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), no qual a partir do código 5.153, assegura ao educador social “garantir a atenção, defesa e proteção a pessoas em situações de risco pessoal, social e a adolescentes em conflito com a lei”, e “assegurar seus direitos, abordando-as, sensibilizando-as e identificando suas necessidades e demandas” (BRASIL, 2002).

Sendo essencial para garantir o desenvolvimento intelectual, físico, social, emocional e cultural dos indivíduos que se encontram em situação de risco,

vulnerabilidade e exclusão social. Sobretudo, é preciso deixar claro que vulnerabilidade não é sinônimo de pobreza, mas sim remete às pessoas que sofrem algum tipo de exclusão ou discriminação ou que estão em situação de fragilidade na sociedade.

É possível constatar, por exemplo, crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, em que, segundo Sierra e Mesquita (2006), as principais causas estão relacionadas aos problemas de alcoolismo, moradias precárias, trabalho infantil, exploração sexual, envolvimento com drogas, dentre outros fatores de risco que colocam estes sujeitos em condição desfavorável.

Deste modo, os direitos das crianças e dos adolescentes são garantidos através do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990), assegurando-lhes direito à vida, à saúde, à liberdade, ao respeito, à dignidade, à convivência familiar e comunitária, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, à profissionalização e à proteção no trabalho.

Vale ressaltar também que, depois do direito à vida, existe o direito à educação, assim, conforme previsto na Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988, em seu art. 205, assegura que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988), portanto, enquanto há vida, há grandes chances de aprender e de conquistar direitos.

Por esta razão, destaca-se o papel essencial do educador social a partir da utilização de estratégias de ensino capazes de emancipá-los cidadãos e reconectá-los à escola, família e comunidade através da educação. Segundo Graciani (2014), o educador é um pesquisador que, a partir de uma proposta metodológica clara e objetiva, busca desafiar o seu educando a aprender, a pensar e a criar conhecimentos, resgatando assim sua autonomia e confiança. Em consonância com a mesma autora, espera-se que o educador social:

- Possua uma visão crítica e consciente das causas geradoras do processo de exclusão do educando;
- Desenvolva ações conjuntas com a participação de todos os envolvidos no processo educativo;
- Valorize e democratize a cultura e socialize o saber popular;

- Identifique o que o educando sabe a partir de sua experiência de vida;
- Tenha clareza que o processo educativo não é linear, mas cheio de conflitos e contradições. (GRACIANI, 2014, p. 27 e 28).

Assim, o educador deve sempre utilizar do conhecimento prévio do aluno para a aquisição de novos saberes e descobertas, para que assim consiga construir espaços de cidadania no âmbito de sua atuação. À medida que ele ensina, ele aprende, e ao mesmo tempo que ele contribui para a formação do aluno, está a promover sua transformação enquanto cidadão crítico, reflexivo e autônomo.

Somado a isso, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, nº 9.394/1996), em seu artigo 1º, estabelece que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996). Por ser um direito social, a educação deve promover o desenvolvimento integral e pessoal do indivíduo, além de permitir a construção da sua identidade e autonomia, assim, como afirma Brandão (2007), ela não se desenvolve apenas por práticas de ensino institucionalizadas, mas também pode ocorrer nos mais variados ambientes sociais, afinal,

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (BRANDÃO, 2007, p. 7).

Durante o processo de ensino-aprendizagem destaca-se o diálogo como mecanismo fundamental para o desenvolvimento integral das crianças, pois, quando elas se sentem confortáveis no espaço no qual estão inseridas e sentem confiança na relação com seu educador, conseguem expressar seus sentimentos, medos, angústias e emoções. Afinal, segundo Bueno et al. (2005) o diálogo é a luz do relacionamento, é o farol que ilumina a humanidade em evolução. Sendo assim,

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tão pouco tornar-se simples trocas de idéias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1987 p. 79).

Ser educador é saber escutar, refletir, intervir, entender o sujeito integralmente, educando-o para a sociedade. E quem disse que não aprendemos mesmo estando fora da escola? Segundo Fuhrmann e Paulo (2014), a formação integral é composta pela formação formal, não formal e social, que ocorre nos mais diversificados espaços de aprendizagem, a partir de uma articulação entre saberes e práticas educativas capazes de desenvolver nos indivíduos competências emocionais, sociais e políticas.

A educação acontece em qualquer canto, até mesmo debaixo de uma árvore, afinal, segundo Freire (1987) “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens educam-se entre si, mediados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 34). A vida, portanto, é um eterno aprendizado, na qual crescemos, amadurecemos e aprendemos algo novo todos os dias.

2.2. Arte e Educação

“Uma educação pautada nas artes propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana” (SCHLINDWEIN, 2015, p. 423).

Antes de adentrar ao tema abordado é interessante destacar brevemente alguns autores que discutem sobre os conceitos Arte e Educação. Segundo Moura e Paim (2019), a arte permite à criança expressar seus sentimentos e ideias, colocando em prática a criatividade fazendo despertar seu lado afetivo. Nesse mesmo sentido, para Barbosa (2010), a arte intensifica o contato com as emoções.

De acordo com Simão (2012), por meio da arte, os educadores são capazes de trazer conhecimentos para a vida das pessoas, fixar memórias e estabelecer relações afetivas. Sabemos que as crianças, por exemplo, são extremamente criativas, mas essa característica precisa ser estimulada e aprimorada, e é graças ao intermédio do educador que elas conseguem representar o mundo à sua volta e transpor suas ideias para o seu próprio desenho. Nesse sentido,

O contato com a Arte faz-se pela mediação de um educador sensível, com capacidade de proporcionar situações que possam ampliar a leitura e compreensão do mundo e de sua cultura por parte da criança. Tendo como finalidade estreitar a relação entre Arte e o universo infantil, a criança passa a ter o conhecimento de Arte enquanto faz Arte (FERREIRA, 2015, p. 9).

Diante disso, Saviani (2002) destaca que a educação possibilita a transferência de conhecimentos visando a formação do sujeito enquanto cidadão para que assim ele possa ter noção da realidade em que está inserido. Para Libâneo (2001), a educação está ligada às relações sociais que intervêm através da comunicação e interação no desenvolvimento dos seres humanos.

Essas duas práticas quando interligadas no processo de formação humana através de atividades culturais e artísticas podem não só despertar o espírito da imaginação, da criatividade, do senso crítico, como também ajudar os indivíduos a externar seus sentimentos e expressar suas emoções.

E isso pode ser desenvolvido a partir de diversas artes visuais representadas por múltiplas formas de expressão visual e que são imprescindíveis à aprendizagem como a pintura, a dança, a música, o desenho, o teatro, o museu e “tantas outras representações sociais estimuladoras do desenvolvimento da sensibilidade humana, da percepção, da imaginação e da capacidade criadora de pensar, sentir e agir no mundo” (CONTE et al, 2021, p. 2). Nesse sentido foram descritas abaixo algumas dessas modalidades artísticas.

A pintura colabora na coordenação motora, estimula a criatividade e a imaginação, além de promover momentos de relaxamento, descontração e expressão de ideias e emoções através de cores, formas e texturas. Logo, “as produções artísticas das crianças não são meros rabiscos feitos ao acaso. São a concretização de um trabalho mental por elas elaborados. Esta elaboração se dá por meio da leitura que ela faz do mundo em que vive e de si mesma” (RODRIGUES, 2015, p. 30).

A dança remete aos movimentos corporais em que, por meio da música, as crianças podem exteriorizar seus sentimentos, pois “o encontro da criança com a dança faz com que ela libere toda sua energia acumulada, todos os seus medos, as suas impossibilidades e a sua falta de naturalidade de se movimentar e se expressar” (OLIVEIRA; MUZEL; SANTOS, 2014, p. 2).

Assim como na dança, o teatro, que também é um importante instrumento, permite à criança expressar suas falas, ler textos, aprender coreografias, criar autonomia, além de oportunizar momentos de interação em grupo. Esse momento “vai ampliar a vontade de escutar, esperar sua vez de falar, trabalhar em grupo, se colocar no papel de fala e, assim, superar suas dificuldades e, então, crescer como um ator encorajador que, futuramente,

servirá para a compreensão do mundo” (OLIVEIRA; TAVARES, 2020, p. 2). Portanto, o teatro busca emancipar e formar cidadãos em seres mais reflexivos, autônomos e criativos.

O desenho é considerado como ferramenta pedagógica fundamental para o desenvolvimento afetivo, social e cognitivo das crianças, manifestando a partir dele seus sentimentos e valores. Ao desenhar elas “[...] percebem que o desenho e a escrita são formas de dizer coisas. Por esse meio elas podem “dizer” algo, podem representar elementos da realidade que observam e, com isso, ampliar seu domínio e influenciar sobre o ambiente” (ALMEIDA, 2003, p. 27). Assim, é possível perceber através do desenho múltiplos aspectos e percepções sobre a forma que veem e enxergam o mundo ao seu redor.

Estas e tantas outras modalidades artísticas, segundo Ferreira (2015), promovem tanto a interação e a comunicação às crianças, quanto o desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da cognição, da intuição e da sensibilidade, além da interação social com o outro e com o meio.

Desse modo, é possível constatar que as atividades artísticas na educação são fundamentais e contribuem para o processo de ensino – aprendizagem e formação integral das crianças, além disso, segundo Ferreira (2015), quando as crianças entram em contato com o mundo das artes elas conseguem manifestar tudo aquilo que está em seu interior, de forma única e interessante. Nessa perspectiva,

As Artes Visuais são uma forma que a criança encontra para expressar-se. Com sua visão de mundo ela consegue desenvolver-se nas dimensões afetiva, motora e cognitiva, utilizando para isso as diferentes linguagens artísticas que compõem as artes visuais, tendo a oportunidade de construir, criar, recriar e inventar, tornando-se um sujeito ativo e crítico na sociedade (MOURA; PAIM, 2019, p. 102).

Portanto, é imprescindível que haja na educação uma conexão entre educador e educando, e para isso acontecer o educador precisa entender que sua mediação é fundamental nesse processo, valorizando sempre suas produções e propiciando um ambiente adequado para que possam produzir com prazer e autonomia suas artes corroborando para uma aprendizagem significativa e ampliação do repertório cultural. Afinal, o universo infantil é produtor de histórias e saberes.

3. PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA CIENTÍFICA

Inicialmente, entende-se a Metodologia como uma etapa fundamental para a construção do conhecimento e desenvolvimento do trabalho científico, que significa “estudo dos métodos ou da forma, ou dos instrumentos necessários para a construção de uma pesquisa científica; é uma disciplina a serviço da Ciência” (OLIVEIRA; VALENÇA, 2015, p. 2), cujo objetivo é solucionar problemas propostos. Além de fornecer aos discentes do ensino superior as técnicas, os processos, os instrumentos e os objetivos, para a investigação de algum objeto de estudo, é possível, através dela, realizar uma pesquisa acadêmica. Nesse sentido, a metodologia estuda o percurso e se prontifica a fazer uma reflexão sobre este percurso, portanto, segundo Bloise (2020),

A metodologia vai organizar a pesquisa, estabelecendo os caminhos a serem perseguidos a fim de que se alcancem os objetivos. Ao escolhermos a metodologia, definimos o tipo de pesquisa a ser desenvolvida e como esse trabalho seguirá até sua conclusão: os passos a serem dados, os instrumentos utilizados e a forma como os dados de estudo serão abordados (BLOISE, 2020, p. 105).

Sendo assim, neste capítulo, busca-se estabelecer os caminhos metodológicos percorridos para a realização da presente pesquisa acadêmica, iniciando-a por meio de uma sucinta contextualização sobre os paradigmas científicos, destacando o tipo de paradigma em que este estudo está inserido. Posteriormente, será explicitada a abordagem e o tipo de pesquisa adotado, os instrumentos de coleta de dados, o campo empírico da investigação, os sujeitos envolvidos e, por fim, a análise de dados.

3.1. Paradigmas Científicos

No amplo contexto das ciências, os paradigmas possuem, em sua estrutura, metodologias, experiências e teorias utilizadas para a composição de realidades e a compreensão de fenômenos específicos. Nesse sentido, um paradigma pode ser comparado, por exemplo, a uma lente, a partir da qual é possível enxergar o mundo de uma determinada maneira, mas sem uma lente adequada a imagem ficaria distorcida.

Então, quando um conjunto de crenças, técnicas ou valores é aceito por todos em um grupo de cientistas, ele se torna um paradigma. Em meados do século XVI, surgiu na Europa o primeiro modelo de ciência dominante, também chamado de Paradigma Moderno, que se constituiu a partir da Revolução Científica, tendo como base as ciências naturais e vindo a se estender às ciências sociais emergentes apenas no século XIX, tornando-se então um modelo global.

Este paradigma reconhece uma só forma de conhecimento verdadeiro e é considerado como um modelo de racionalidade científico totalitário por negar a racionalidade de outras formas de conhecimento que não seguem seus princípios epistemológicos e suas regras metodológicas, tais como o conhecimento do senso comum e os estudos humanísticos.

Além disso, assume a matemática como elemento central da ciência moderna, cujo objetivo é fornecer um conhecimento mais profundo e rigoroso da natureza, sendo assim, segundo Santos (1995), “fornece à ciência moderna, não só o instrumento privilegiado de análise, como também a lógica da investigação, como ainda o modelo de representação da própria estrutura da matéria” (SANTOS, 1995, p.50). Nesse mesmo sentido, a ciência moderna, ao se separar do saber aristotélico e medieval, faz surgir um novo entendimento do mundo e da vida, afirmando os dualismos entre o conhecimento científico e o conhecimento do senso comum, entre a natureza e a pessoa humana.

Para este tipo de paradigma dominante, o saber é aquele capaz de quantificar e classificar, uma vez que “conhecer significa quantificar. O rigor científico afere-se pelo rigor das mediações” (SANTOS, 1995, p. 50), logo, qualquer outro saber que não tenha a razão como sua base, não é possível fazer a quantificação ou a classificação dos fenômenos, ou seja, “as pesquisas que não se encaixavam no modelo de quantificação não poderiam ser reconhecidas enquanto conhecimento científico, atribuindo irrelevância aos estudos inquantificáveis” (PAIXÃO, 2019, p. 42). No entanto, por volta do século XIX, o paradigma dominante entra em uma crise profunda e irreversível, resultante da pluralidade de condições, as quais podem ser distintas entre condições sociais e teóricas.

O cientista social Santos (1995) atribui uma série de condições teóricas que contribuíram para a crise, sendo estas: 1) a revolução científica iniciada com Einstein e sua teoria da relatividade; 2) a mecânica quântica, que relativizou as leis de Newton no

domínio da microfísica (Heisenberg e Bohr); 3) a crítica ao rigorismo matemático e, por fim, 4) o avanço do conhecimento nas áreas da microfísica, química e biologia.

Porém, em relação às condições sociais, ele não trata detalhadamente por conta da sua complexidade e extensão. Não obstante, este mesmo autor, ao compreender que a ciência moderna busca ser de uma supremacia que não cabe mais aos dias atuais e não atende às necessidades humanas, passa então a dialogar com alguns cientistas sobre a construção de um novo modelo científico – o paradigma emergente –, dentre eles destacam-se: Copérnico, Newton, Galileu, Kepler, Bacon, Descartes, Einstein, Habermas, Prigogine, Wigner, onde alegam que a verdade não é única e que a neutralidade não é possível, uma vez que, “mediante um contexto de mudanças sociais e científicas, verdades e métodos antes tidos como incontestáveis começam a ser tensionados. Os modelos de produção do conhecimento se alteram conforme o contexto e anseios da comunidade de cada período” (SILVA, 2019, p. 21).

Dessa forma, por volta do século XX, a crise do paradigma dominante vem sendo debatida pelos representantes do Paradigma Emergente, também chamado por Santos (1995) de “paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente”, que passa a considerar a importância do senso comum como fonte de conhecimento. Vale ressaltar que, em sua abordagem há uma relação de reciprocidade entre o sujeito e o objeto, cujo sujeito é uma extensão do objeto, logo, opõe-se ao paradigma moderno, que tem como proposta a não interferência no objeto. Sobretudo, para justificar tal paradigma, ele apresenta um conjunto de teses.

A primeira tese é denominada de “Todo conhecimento científico – natural é científico – social”, ocorre o rompimento da barreira que distinguia as ciências naturais e ciências sociais, sobretudo, “à medida que as ciências naturais se aproximam das ciências sociais, estas aproximam-se das humanidades” (SANTOS, 1995, p. 63). A segunda tese é chamada de “Todo o conhecimento é local e total”, o conhecimento é total, universal, indivisível, local e avança à medida que o objeto de estudo se amplia, portanto, “o conhecimento pós-moderno, sendo total, não é determinístico, sendo local, não é descritivista” (SANTOS, 1995, p. 66).

A terceira tese é designada como “Todo conhecimento é autoconhecimento”, Santos (1995) afirma que a ciência, natural ou social, é subjetiva e, conseqüentemente,

autobiográfica. Além do mais, ela não descobre, mas sim cria, transportando consigo trajetórias de vida, valores e crenças.

Por fim, a quarta tese é chamada de “Todo conhecimento científico visa a constituir-se em senso comum”, ou seja, visa a reaproximação do conhecimento científico com o senso comum, assim, para Santos (1995), a ciência deve “sensocomunizar-se”, uma vez que,

A ciência pós-moderna, ao sensocomunizar-se, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, não entende que, tal como o conhecimento se deve traduzir em autoconhecimento, o desenvolvimento tecnológico deve traduzir-se em sabedoria de vida (SANTOS, 1995, p. 70).

Diante disso, o paradigma emergente compreende que a interatividade com o conhecimento científico é enriquecedora, com potencial de criar uma nova racionalidade. Por essa razão, o sociólogo português nota que antes o senso comum era desprezado pelo paradigma dominante, mas a partir deste novo paradigma, ele passa a ser valorizado, por estar atrelado às trajetórias e experiências vivenciadas por um determinado grupo social, vindo a enriquecer a relação do homem com o mundo.

Portanto, tal paradigma que fora defendido por Santos (1995) reflete num momento de transição para uma nova ordem social, cuja intenção é romper com preconceitos e métodos que não atendem mais às demandas da ciência contemporânea, permitindo assim a interação com as demais fontes de conhecimento da sociedade, tornando o saber mais democratizante. Sobretudo, vale ressaltar que o presente capítulo metodológico se apoia sob os pressupostos do paradigma científico emergente, pois além de estar mais próximo dos estudos humanísticos, permite buscar respostas para problemas que afetam a relação do sujeito com o mundo.

Segundo o autor Chizzotti (2003), a pesquisa qualitativa passa por alguns marcos significativos em seu desenvolvimento, desde sua evolução histórica. Nesse sentido, o primeiro marco, encontra-se atrelado ao romantismo e ao idealismo, já no final do século XIX, no qual visa por “uma metodologia autônoma ou compreensiva para as ciências do mundo da vida” (CHIZZOTTI, 2003, p. 224). O segundo marco surgiu por volta da primeira metade do século XX e está associado aos estudos socioculturais, e é neste momento que a antropologia entra em vigor procurando compreender como vivem os

grupos humanos e como é o seu lugar de vivência, então, a partir daí a pesquisa começa a ganhar um outro olhar.

Cabe destacar que este tipo de modelo que descreve o comportamento de determinados grupos sociais, bem como sua cultura, língua, raça, religião, hábitos, dentre outros aspectos, é conhecido como a Etnografia, pois “busca fundamentar uma metodologia para estudar o ‘outro’ baseada no convívio com os fatos e as pessoas, e nos relatos que elas fazem de suas experiências vividas, utilizando a linguagem ordinária da vida cotidiana” (CHIZZOTTI, 2003, p. 226).

Já o terceiro marco, que ocorre após o fim da II Guerra e segue até os anos 70, é visto como a fase mais importante, onde a pesquisa qualitativa se consolida como um modelo de pesquisa, momento este em que “os pesquisadores qualitativos contestam a neutralidade científica do discurso positivista e [...] declaram-se comprometidos com a prática, com a emancipação humana e a transformação social” (CICOUREL, 1964 apud CHIZZOTTI, 2003, p. 228).

No quarto marco, por volta das décadas de 70 e 80, graças à expansão dos recursos públicos e ao incentivo à pesquisa nos centros de pesquisa universitários e institucionais, começaram a surgir novas orientações e, conseqüentemente, novos paradigmas científicos que passaram a contribuir de forma significativa para a política e a prática, gerando assim, novos métodos e técnicas de pesquisa nas mais diversas áreas do conhecimento e trazendo à tona um amplo campo de debates aos estudos qualitativos. Na década de 90, o quinto e último marco é demarcado, portanto, pela consolidação da abordagem qualitativa de pesquisa.

3.2. Abordagem da Pesquisa

Assim como os princípios do paradigma emergente, a pesquisa qualitativa valoriza as experiências e trajetórias de vida das pessoas. Por esta razão, tal abordagem foi escolhida para este trabalho, em que, através de uma revisão bibliográfica, visa estudar não só a subjetividade dos fenômenos sociais e do comportamento humano, como também as crenças, os valores e as relações humanas de um determinado grupo social.

Entretanto, este método qualitativo “envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo” (GODOY, 1995, p. 58).

Logo, a pesquisa qualitativa é um campo multidisciplinar que abrange tanto as áreas das ciências humanas (História, Filosofia, Pedagogia, Teologia), quanto as ciências sociais (Antropologia, Sociologia, Ciência Política), “adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles” (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

Tal abordagem visa compreender aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano, dando “importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles, além disso, preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem” (VIEIRA; ZOUIAN, 2005 apud AUGUSTO et al, 2013, p. 748).

3.3. Instrumentos para a Coleta de Dados

A metodologia escolhida para esse trabalho será de cunho científico que tem como intuito, segundo Gil (2008), descobrir respostas para problemas a partir de procedimentos científicos. E caráter qualitativa, uma vez que, segundo Minayo (2003),

Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2003, p. 21-22).

Ademais, permite ao pesquisador ter uma visão mais ampla do contexto do problema, buscando por aspectos subjetivos capazes de explicar o porquê dos fatos e considerando a realidade vivenciada pelo objeto de estudo e as características da sociedade a que pertence.

A partir da pronta circunscrição do problema de pesquisa, realizou-se uma revisão bibliográfica na literatura pertinente à temática escolhida, que envolve análise de documentos por meio de um levantamento em livros, artigos científicos, publicações em periódicos, monografias, dentre outros meios, que dão subsídios ao pesquisador de conhecer e analisar todo o material já escrito sobre o assunto da pesquisa.

Além disso, realizou-se uma pesquisa de campo com base na abordagem da pesquisa-ação, assim como procedimentos utilizados na Etnografia. Segundo Laplantine (2004), a Etnografia é uma grata herança da Antropologia, ou seja, uma contribuição importante para os métodos qualitativos atuais. Trata-se de um diálogo a observação participante e os registros em nota de campo (LAPLANTINE, 2004). Macedo (2015) defende que estar em campo exige imersão, envolvimento, observar, ser partícipe do processo e dos acontecimentos, é olhar de dentro da comunidade para fora dela (e não o inverso), é se posicionar no lugar em que o outro te interpreta, é analisar a si e ao outro e, por fim, permitir-se ser afeto, como bem definiu Favret-Saada (2005).

Segundo Gonçalves (2005), a pesquisa-ação, por sua vez, apresenta o perfil sociopolítico voltado para uma ação emancipatório dos grupos e sujeitos, ao envolver a participação dos mesmos. “Nesta pesquisa, os investigadores desempenham um papel ativo na solução dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas [...]” (GONÇALVES, 2005, p. 87).

A investigação social “exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja de tipo participativo” (THIOLLENT, 1986, p. 15). Assim, segundo Graciani (2014), o pesquisador nesse contexto não trabalha de forma isolada, muito pelo contrário, ele trabalha em conjunto com a participação de todos os envolvidos, desenvolvendo a autonomia e independência dos mesmos, por meio de uma aprendizagem dinâmica. Desse modo, foi proposta uma intervenção com um grupo de crianças no espaço cultural CAsA do DUCA, no qual fizeram parte deste processo enquanto sujeitos produtores de novos saberes.

3.4. Campo Empírico da Investigação e Sujeitos da Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida no Centro de Artes do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP/UFRB), a CASA do DUCA (Diversidade, Universidade, Cultura e Ancestralidade), espaço cultural e artístico localizado (até 2020) em uma casa próxima à Praça do Bosque, ao lado do bairro São Roque, em Amargosa, no Vale do Jiquiriçá, no estado da Bahia. Atualmente a CASA do DUCA está localizada em um prédio histórico do município, a antiga cadeia pública de Amargosa, nas imediações da Praça do Cristo.

Participaram do projeto de extensão seis crianças moradoras da comunidade do São Roque, que contribuíram significativamente para a desenvoltura deste projeto tão enriquecedor para todos aqueles envolvidos. Nesse processo pudemos perceber que “é o sujeito em ação na interação com o outro que modifica a si e ao outro, ao grupo, e a sociedade onde muitos amparam um, e um representa muitos” (MELO; FILHO; CHAVES, 2016, p. 159).

Assim, com o intuito de preservar a identidade das crianças foram criados nomes fictícios, mas, a opção pelos nomes a seguir traz uma simbologia associada às vivências de cada uma: Lauany: 6 anos; Iberê e Pérola: gêmeos, 6 anos; Valentina: 6 anos; Luz: 5 anos; e Luna: 4 anos.

3.5. Análise de Dados

Por fim, a análise de dados para esta pesquisa lança mão de um frutífero diálogo entre as perspectivas antropológica e psicanalítica, a perfazer a ponte proposta pela Etnopsicologia, uma vez que as produções culturais e artísticas ligadas à literatura, pintura, dança, música, cinema, teatro, dentre outros elementos, por meio do público infantil, dão vasão a novos conhecimentos, novas descobertas contribuindo para a recomposição da autoimagem e autoestima dessas crianças.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, serão apresentados e discutidos os resultados obtidos por meio da pesquisa-ação desenvolvida no centro cultural de Artes, CASA do DUCA, durante à realização do projeto de extensão “Memória, cultura e corporeidade: o universo infantil como produtor de saberes”. Cabe destacar que, para essa discussão, dividimos esta seção em quatro categorias, dentre elas, – O cenário: a CASA do DUCA; O projeto de extensão: vivências e memórias; Pequenos atores e autores: os participantes artistas; e O projeto em Ação: Oficinas e Atividades.

4.1 O cenário: a CASa do DUCA

Na cidade de Amargosa, em outubro de 2006, foi implantado o Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), e a partir da necessidade de instalar um espaço cultural e artístico para dar vazão à criatividade do povo que habita essa região do Recôncavo Sul da Bahia, passou a existir o Centro de Artes CASa do DUCA (Figura 1) que significa: Diversidade, Universidade, Cultura e Ancestralidade. Este espaço de educação não formal integra tanto atividades acadêmicas voltadas para a comunidade interna como também para a comunidade externa, e por ser de caráter produtora e fomentadora, tem a Extensão, a Pesquisa e o Ensino como sua base primordial que promove tais atividades.

Figura 1: Centro Cultural de Artes CASa do DUCA



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

É evidente que as comunidades no Recôncavo Baiano apresentam um patrimônio imaterial permeado por memórias sociais, saberes populares e tradições essenciais da autoimagem de cada uma delas. Portanto, a presente pesquisa torna-se o retrato de uma busca em desenvolver um meio viável para resgatar estas riquezas culturais a partir dos saberes na infância.

4.2 O Projeto de extensão: vivências e memórias

O Projeto de Extensão “Memória, Cultura e Corporeidade: o Universo Infantil como Produtor de Saberes”, coordenado pela Profa. Dra. Alice Costa Macedo¹, compôs atividades artístico-culturais e teve, como foco público-alvo, crianças da comunidade São Roque, na cidade de Amargosa-Ba.

Em parceria com outra proposta de extensão passou a ser desenvolvido também neste centro cultural o projeto “Oficinas Lúdicas: a arte e suas travessuras” supervisionado pela Profa. Dra. Alessandra Gomes² e ministrado pela discente Rosana Sapucaia³, propiciando a interação entre os objetivos, ao entrelaçar a ludicidade, as memórias e expressões artísticas infantis e as técnicas teatrais circenses a partir de eixos temáticos.

As atividades de ambos os projetos foram realizadas entre julho a dezembro de 2018 e tiveram como principais objetivos: o estímulo à produção infantil por meio de vivências artísticas nas linguagens da Literatura, Pintura, Dança, Cinema e Teatro; o fortalecimento de vínculos; a valorização da produção da criança; a promoção da cultura lúdica; a materialização de um espaço de formação inicial à docência e o aprofundamento da reflexão sobre o papel imprescindível dos espaços de educação não-formal.

Sobretudo, com o intuito de formalizar as intervenções neste espaço cultural foi realizada, no mês de julho, juntamente com o Teatro Negaça – projeto também desenvolvido na cidade –, uma divulgação na rua dos Artistas, na comunidade São Roque, a fim de convidar as crianças a participarem das oficinas lúdicas, conforme é destacado na Figura 2 abaixo.

¹ Professora Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP);

² Professora Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFScar);

³ Graduada do Curso de Licenciatura em Pedagogia (UFRB).

Figura 2: Divulgação na Comunidade São Roque



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Todos os integrantes presentes nesse ato fizeram o uso de fantasias infantis, de instrumentos musicais, desenvolveram danças e brincadeiras com as crianças, cantarolaram músicas de roda, contação de histórias com fantoches e distribuição de panfletos aos seus pais/responsáveis com informações sobre as oficinas.

Cabe ressaltar que uma vez por semana ocorriam reuniões de estudos e supervisões com as duas professoras responsáveis pelos projetos e as estudantes bolsistas. Além disso, organizavam o espaço, discutiam as atividades, planejavam as intervenções e confeccionavam os materiais.

A rotina do projeto acontecia da seguinte forma: primeiramente, assim que as crianças chegavam à CAsA do DUCA eram acolhidas pelas estudantes que davam início a um alongamento, antes de iniciar as atividades, ao som de cantigas de rodas, músicas de diferentes tradições indígenas e afro-brasileiras. Este tipo de atividade inicial, o alongamento, promovia relaxamento dos corpos infantis que chegavam comumente ofegantes, inquietos e em movimento constante. As tensões iam sendo liberadas, as inibições suspensas, a respiração voltava ao normal, o nível de ansiedade aquietava-se. Assim, o corpo era preparado para o desenvolvimento das atividades.

As narrativas tinham como proposta inicial: contação de histórias de diferentes etnias indígenas, de tradições afro-brasileiras e associadas à personalização das emoções

(felicidade, amor, raiva, medo, nojo, tristeza ganhavam vida nas falas de personagens marcantes).

Na sequência, as crianças tinham a oportunidade de recontar as histórias, a partir de sua releitura e de suas próprias interpretações e compreensões. Para isso, faziam desenhos, pinturas com tinta, massinha de modelar, giz de cera, lápis de cor, em que por meio desses e outros itens poderiam dar um novo olhar para a história lida. Tal atividade permitia que as crianças se expressassem baseadas no que entenderam.

Após as atividades, era a hora do lanche, momento este de confraternizar, conversar, socializar. Depois, as discentes realizavam com as crianças uma dinâmica ou apresentação de algum filme associado aos eixos trabalhados.

E para encerrar a rotina do dia, havia o momento das brincadeiras livres, sendo possível explorar os espaços, os brinquedos e os livros de sua preferência. Neste cenário, a criatividade e a cultura infantil manifestavam-se a céu aberto, além de estimularem as crianças a testar seus próprios limites, assim como negociar os limites do outro, atribuindo-lhes autonomia nas inter-relações.

4.3 Pequenos atores e autores: os participantes artistas

A seguir, as crianças participantes do projeto serão apresentadas em suas mais particulares produções culturais e etnopsicológicas. Destaca-se que todas as análises presentes neste subcapítulo baseia-se em uma perspectiva que põe em diálogo o olhar antropológico e a escuta psicanalítica (MACEDO, 2015).

Lauany tinha 6 anos. Sempre se revelou amorosa, adorava abraçar e beijar as monitoras. Esse afeto era inquieto, por vezes centralizador, mas ao mesmo tempo generoso, pois ao passo que desejava todos os afetos e atenções para si, trocava demonstrações de amor com todos, de modo que seus desejos fossem supridos. Um amor voraz, uma liderança nata. Lauany significa gavião, palavra de origem tupi-guarani utilizada para designar a força e o poder das aves da família dos falcões. Com a entrada de duas crianças irmãs no grupo, os gêmeos Iberê e Pérola, a pequena líder passou a convidar os novos colegas, disputando sua presença em atividades paralelas àquelas propostas pelo projeto.

Os gêmeos Pérola e Iberê eram sempre convidados por Lauany a fazer atividades paralelas ao projeto, ou seja, a não participar das oficinas propostas pelas monitoras. Iberê, em tupi-guarani, é rio que arrasta ou se arrasta: duas faces da mesma moeda. Ao mesmo tempo que parece colaborar com a liderança da amiga, sendo “arrastado” para as atividades alternativas da pequena líder, Iberê também são águas que arrastam, é puro movimento. Aos 6 anos, tem o corpo sempre inquieto, revela muita energia e potencial produtivo no grupo.

Pérola tinha também 6 anos, inicialmente revelava-se um pouco tímida. Mas, como uma pérola que desabrocha e desvencilha-se da posição escondida da concha, desinibiu-se nas atividades, tornando-se grande colaboradora da amiga Lauany, que sempre influenciava nas ações do irmão.

Do outro lado, compenetrados nas atividades propostas, tínhamos Valentina, Luna e Luz. Valentina, 6 anos, dedicava-se profundamente às suas tarefas, revelando produções impecáveis. Detalhista e minuciosa, embora expressasse muito prazer e contentamento nas tarefas, travava uma batalha com valentia ao lado de sua autoexigência.

Luna era a pequena do grupo, tinha 4 anos, dedicava-se de corpo e alma à arquitetura de rabiscos e imagens turvas, produções típicas de sua faixa etária. Suas pinturas eram releituras detalhadas das narrativas contadas, onde cada traçado tinha um significado, um elemento da história, a precisão das cores, as marcas dos personagens. Apaixonou-se por um livro escrito em espanhol, obra esta que tirava da estante todos os dias quando chegava ao projeto. A sonoridade de um novo idioma, a semelhança de alguns fonemas, a língua que deslizava entre os dentes: não precisava ser uma compreensão racional. As histórias trazem muito mais do que isso. Luna sabia, era dessa forma que revelava a precisão de sua interpretação e a representação do espanhol nas pinturas. Luna é o nome em espanhol que conota os ciclos e fases do tempo, da natureza, da vida.

E, por fim, Luz, um menino de 5 anos, que chegou ao projeto tão agitado e ansioso e que ninguém conseguia entender muito bem o que dizia, pois falava muito rápido. No entanto, uma das professoras fez uma sugestão importante: pediu que ele respirasse ao longo das conversas e fosse espaçando as palavras com inspirações (de ar nos pulmões).

Ao longo do processo lúdico, artístico e cultural do projeto, Luz tornava-se dia a dia menos agitado. Parecia encontrar novos caminhos para aquela enxurrada de emoções, novas vazões, e tudo o que sentia de diferentes maneiras que não eram só pelo movimento do corpo e da voz, passou a encontrar outros formatos como a arte, a brincadeira, as histórias, as dramatizações. No início ele contou que era um super-herói, veloz como a luz e que não parava quieto. Que bom poder ser um herói quando se tem 5 anos. Porém, o impasse é que ele não se permitia ser mais nada, somente isso.

Desse modo, as possibilidades iam se reduzindo, os recursos congelavam-se, engessavam-se. Não podia usar cocar, porque era herói e não indígena. Não podia desfilar na passarela de brincadeira, porque era herói e não modelo. Não podia usar um colar africano porque era herói e assim por diante. Com o tempo, no desenrolar das oficinas do semestre, o herói foi ganhando novas vidas e roupagens. Novas possibilidades simbólicas surgiram e reportórios ampliaram-se. No fim, Luz pôde experimentar ser um capoeirista.

Em casos como o de Luz ou o de Lauany, por exemplo, a proposta de intervenções como esta não é rotular, diagnosticar ou analisar as crianças, mas sim construir juntamente com elas novas possibilidades de ser e estar no mundo. Buscar uma diversidade de outras saídas para solucionar conflitos (internos e externos), muni-las de recursos psíquicos, culturais e políticos para desvendar suas próprias estratégias e saberes, ampliando seu repertório de respostas cotidianas e caminhos viáveis.

4.4 O projeto em Ação: Oficinas e Atividades

Após a intervenção na comunidade São Roque as atividades extensionistas começaram a ser desenvolvidas no mês de agosto, no período oposto à escola, no turno da tarde, durante às quartas-feiras, das 14:00 às 17:00, com um grupo formado por 6 crianças, que tinham entre 4 a 6 anos. A seguir, serão destacadas algumas das oficinas que eram realizadas neste projeto.

No mês de agosto, as atividades trabalhadas foram em torno da temática “Ancestralidade Indígena” trazendo reflexões importantes a respeito da natureza, os animais, bem como seus costumes e tradições, oportunizando às crianças desenvolverem consciência acerca da valorização da cultura indígena e sua importância para a construção e formação de sua identidade.

As intervenções foram realizadas de forma lúdica, através de músicas, brincadeiras direcionadas e não direcionadas⁴, contação de histórias indígenas, dinâmicas e pinturas, fotografias, a fim de disseminar essa temática tão importante para a cultura brasileira.

Assim, o trabalho através da ancestralidade, segundo Xavier (2021), busca interligar os saberes e ressignificar as histórias do passado em consonância com o presente, logo, o contato com a cultura indígena por meio de suas histórias, contribui significativamente para a formação integral e desenvolvimento de sujeitos com valores e princípios. Deste modo, de acordo com a mesma autora,

O resgate da ancestralidade nos conecta com a nossa verdadeira identidade na medida em que procuramos compreender nossa história, quem somos, de onde viemos. Sendo o resgate cultural e histórico de entes passados que forjam e fortalecem os laços do presente e futuro ligados ao passado (XAVIER, 2021, p. 22).

Cabe destacar também que, neste mesmo mês, as crianças participaram de uma exposição sobre Dona Santa, demonstrando sua importância e suas peculiaridades com as plantas que podem ser consideradas medicinais e que são muito utilizadas na produção de chás. Conforme pode ser visualizado na Figura 3 abaixo.

Figura 3: Exposição “Dona Santa” na CASA do DUCA



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

⁴ Quando as crianças ficam sem direcionamento muitas coisas podem surgir como conflitos, angústias, memórias, ou seja, é um brincar livre sem direção, estimulando a corporeidade.

As crianças ficaram encantadas com este momento e ainda provaram um delicioso chá de capim-santo (algumas resistiram e não quiseram provar). Mas todas amaram conhecer a história dessa mulher encantadora, guerreira, muito alegre, que trabalha com muita sabedoria, e grande líder da comunidade Três Lagoas, na cidade de Amargosa/Ba.

No mês de Setembro, muitas atividades foram realizadas incluindo o trabalho com as emoções. Por exemplo, a fim de trabalhar sobre medo, ocorreu uma contação de história intitulada “O medo que não se vê”. Ao longo da leitura, pausas foram feitas para escutar as crianças que iam se identificando com as situações mencionadas no livro. Ao final da leitura, foram questionadas a respeito do que sentem medo e o que fazem para lidar com esse sentimento. Durante esses questionamentos surgiram muitas situações, como medo do escuro, de casa assombrada, de árvore assombrada, de zumbis, entre outras.

Após as discussões sobre o medo cada criança ganhou uma bexiga plástica e em seguida foi sugerido que elas escrevessem uma palavra que identificasse seu medo e depois deveriam estourar as bexigas, que simbolizaria um rompimento brusco, uma explosão aparentemente agressiva (a busca por potência) que motiva as espécies a saírem da posição de medo. Todavia, por meio destas e de outras dinâmicas, era possível perceber o modo como as crianças iam construindo seus saberes, e em que medida, a partir deles, conseguiam criar suas próprias estratégias para lidar com as relações cotidianas, com as emoções e conflitos (externos e internos).

Em seguida foi realizada uma dinâmica “A caixa vazia”. Inicialmente, foi perguntado às crianças quem teria coragem de colocar a mão dentro da caixa. Mas logo surgiram diversas reações: medo do desconhecido, medo do estranho, do sinistro. O que encontrariam ali? Não podiam olhar antes? Não. Somente sentir. A maioria respondeu que tinha coragem, menos uma criança, que resistiu por medo, por achar que teria de fato algo dentro da caixa.

Ao ouvir seu relato, sensibilizei-me (tomei a liberdade, neste momento, de escrever em primeira pessoa, como um recorte de meu diário de campo): falei para aquela criança que o medo muitas vezes faz isso com a gente, nos paralisa e nos impede de enfrentar alguma situação, mas que poderia confiar pois os obstáculos precisam ser enfrentados. Foi aí que ela resolveu, mesmo com medo, colocar a mão dentro da caixa. E

ao perceber que não tinha nada notou que essa sensação foi criada a partir da sua imaginação fazendo-a sentir medo daquilo que não viu.

Dessa forma, vale ressaltar que, o trabalho com as emoções é fundamental, uma vez que, “influenciam a autoconfiança, a empatia, a capacidade de desenvolver amizades e parcerias significativas e duradouras da criança e um senso de importância e valor para as pessoas ao seu redor” (SOUZA; FERREIRA; SOUZA, 2021, p. 3), além de permitir às crianças identificarem o que estão sentindo e assim consigam a lidar com eles.

Neste mesmo mês, uma oficina voltada para plantação do “pé de feijão” em vasilhas descartáveis onde cada criança as decorou ao seu modo. Além de serem informadas sobre os cuidados que precisavam ter para com o crescimento do fruto que foi plantado, era possível, por meio desta intervenção, permitir que compreendessem que os indígenas produzem seus próprios alimentos. Ao longo das semanas elas cuidaram, molharam e ficaram contentes com os resultados, percebendo que o cuidar, o amor e o carinho são essenciais para que uma planta gere bons frutos.

No mês de Outubro, outras atividades também foram desenvolvidas, inclusive uma Sessão Pipoca cujo filme escolhido foi “Divertidamente”, uma animação de comédia dramática que trata justamente das emoções, como alegria, tristeza, nojo, medo e raiva. A proposta desse momento era enfatizar a importância de cada uma delas em nossas vidas e intensificar o que vinha sendo trabalhado com as crianças.

Na sequência, foram entregues a elas formas geométricas (círculo, retângulo, triângulo etc.) confeccionadas em papel cartão colorido para a realização de uma atividade de colagem. Por meio desse material elas produziram desenhos interessantes onde abusaram da criatividade e da imaginação sobre o que compreenderam ao assistirem o filme e as cenas que mais lhe chamaram a atenção.

No que se refere aos filmes infantis, estes podem ser uma excelente estratégia no ensino na qual proporciona muitos aprendizados para a formação e desenvolvimento da criança. De acordo com Damião (2011), o contato com esse recurso possibilita desenvolver ideias, intensificar sentimentos, ampliar os horizontes e desejos, além de sistematizar as emoções e sensações. “Pois só assim se é possível recriar a si e a sociedade a qual fazemos parte” (DAMIÃO, 2011, p. 25).

No mês de Novembro, a realização das atividades foi sobre a cultura Afro-brasileira e dos Povos Indígenas através de oficinas lúdicas, músicas, contação de histórias, dinâmicas, produções artísticas, brincadeiras direcionadas e não direcionadas, intensificando suas contribuições e importância para a construção histórica dessa nação.

De acordo com Goulart (2018), ao falarmos com as crianças sobre a cultura Afro-brasileira e Indígena, de como tudo aconteceu, estamos ensinando-as a respeitar as diferenças, para que não se tornem preconceituosas. Sabemos que a conscientização é sempre um bom começo para se discutir sobre os conceitos de raça, diversidade e racismo entre às crianças, por esta razão, conhecer estas culturas, suas histórias, costumes e tradições é essencial para a formação e autonomia do cidadão.

Desse modo, foi realizada uma oficina na qual as crianças tiveram a oportunidade de conhecer e aprender uma música indígena chamada “Koi Txangare”. Após esse momento, foram disponibilizados materiais como garrafas pets, variados grãos de feijão, arroz, milho, entre outros, para a confecção dos instrumentos musicais que remetem à cultura em questão. Após confeccionarem e darem um belo colorido aos seus instrumentos uma linda apresentação foi realizada pelas crianças a partir da música ensinada.

Neste mesmo mês, o Mestre de Capoeira Vanginga do município de Amargosa foi convidado trazendo grandes ensinamentos sobre essa representação cultural que envolve dança, gingado e muita música. Em seguida, as crianças formaram um círculo onde aprenderam alguns movimentos corporais e tocaram alguns instrumentos como, por exemplo, o berimbau, pandeiro, agogô, atabaque e reco-reco. Ao final da dinâmica, o capoeirista conversou com as crianças sobre a origem da capoeira e como tudo aconteceu.

Atualmente, a capoeira é reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, sendo símbolo da resistência negra no período da escravidão, e seu reconhecimento reforça a relevância de uma das manifestações populares mais expressivas da cultura brasileira e valoriza a influência da herança africana na nossa cultura (CAPICHE et al, 2018, p. 3).

Além disso, as crianças puderam conhecer algumas brincadeiras africanas, dentre estas, Terra-Mar, Ndule Ndule e Mdube Mdube e Amarelinha, que, por sua vez, segundo Xavier e Lowenthal (2016), quando utilizadas sob supervisão pedagógica do professor tendem a ter bons resultados, tanto para o reconhecimento histórico-cultural, como para o combate à intolerância, pois, “quanto mais esses alunos estiverem em contato com a

diversidade, mais eles aceitarão a sociodiversidade, o multiculturalismo e a inclusão” (XAVIER; LOWENTHAL, 2016, p. 11).

Por fim, no mês de Dezembro, mais uma Sessão Pipoca foi realizada e desta vez o filme escolhido foi “Kiriku e a Feiticeira” a fim de permitir que as crianças pudessem compreender um pouco mais sobre a história da cultura africana. Ao finalizar, foram colocadas em círculos para discutirem suas visões e relatarem as cenas que mais lhe chamaram a atenção. Na sequência, foi proposta uma produção de desenhos a partir do que assistiram. Conforme pode ser visto na Figura 4 abaixo.

Figura 4: Momento de interação e despertar da imaginação



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

No fim deste mês, foi encerrado o projeto por meio de um momento acolhedor entre as crianças e seus pais/responsáveis. Iniciamos com uma roda de conversa onde todos os presentes puderam falar sobre o que foi o projeto, as atividades desenvolvidas durante esse processo de ensino-aprendizagem, além de expor tudo aquilo que mais gostaram, externando suas vivências, memórias e desafios.

Sobretudo, de acordo com os resultados adquiridos durante à realização do projeto de extensão, por meio das narrativas indígenas e africanas, as crianças recontavam histórias destes povos que, em última instância, remetem às suas raízes ancestrais, através do compartilhamento coletivo de suas expressões artísticas e culturais: desenhos, dramatizações, leitura de livros, jogos simbólicos, produções artísticas, brincadeiras

direcionadas e livres, favorecendo e ampliando cada vez mais seu repertório cultural. Deste modo,

Restabelecer com as crianças esses laços de caráter afetivo, ético, social e político exigem que nós, educadores, possamos rever o papel que temos exercido nas instituições educativas. E isto somente será viabilizado através da reflexão sobre as histórias, as narrativas que as crianças fazem acerca de suas vivências e experiências [...]. Falar do que vivem, com quem convivem, o que assistem e o que enfrentam é resgatar a história pessoal de cada um, é valorizar velhos e atuais sentimentos como o de pertencer e ser importante a alguém; é fazer pensar sobre qual papel estamos dispostos a exercer neste mundo. Portanto, esta é a grande pergunta para você, educador, que agora lê este artigo: "qual papel quer exercer na vida de seus alunos? Deseja ser simplesmente um transmissor de conhecimentos e práticas sistematicamente elaboradas ou deseja fazer a diferença, envolver conhecimento e afeto, saberes e valores, cuidados e atenção na vida dessas crianças?" (ESCARABOTO, 2007 p. 136 e 137).

Dessa forma, resalto mais uma vez, a importância do papel do educador social durante o processo educacional da criança, em especial, nos espaços de educação não formal, onde o educador além de proporcionar momentos de interação entre os sujeitos, ele também é essencial para a formação integral e construção do conhecimento. Mais que isso, é preciso conhecê-la antes de ensinar e refletir sobre seu lugar e seu papel na sociedade. Nesse sentido,

Promover a qualidade educativa em ambientes de infância implica, portanto, (re)pensar a intervenção educativa do profissional; mais que isso, significa pensar em uma intervenção educativa inclusiva, isto é, que valorize e garanta a participação ativa de cada criança no cotidiano educativo (LUÍS; ANDRADE; SANTOS, 2015, p. 524).

Portanto, a partir deste projeto de extensão foi possível permitir às crianças a valorizarem e reconhecerem ainda mais as diversidades culturais existentes e, conseqüentemente, a se desenvolverem com mais empatia e consciência social em relação ao outro.

5. DESDOBRAMENTOS DO PROJETO

É de suma importância mencionar que o presente projeto foi apresentado em três grandes eventos importantes:

- III Simpósio de Extensão, realizado pela Proext (Pró-Reitoria de Extensão da UFRB), no campus de Cruz das Almas, no ano de 2018 (apresentação por meio de pôster);

- II Simpósio Nacional de Etnopsicologia e Educação, uma parceria entre a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e o Laboratório de Etnopsicologia da Universidade de São Paulo (USP), realizado no campus de Amargosa, Centro de Formação de Professores, no ano de 2018 (apresentação oral);
- III Simpósio Nacional de Etnopsicologia e Saúde, organizado pela Universidade de São Paulo (USP), realizado de forma remota em virtude da pandemia da Covid-19, no ano de 2021 (apresentação oral).

Cabe destacar que o termo “Etnopsicologia” diz respeito a um campo da Psicologia que busca valorizar as singularidades culturais e contribuir com o desenvolvimento do país, em parceria entre o Laboratório de Etnopsicologia da Universidade de São Paulo e o Centro de Formação de Professores.

Além disso, é importante destacar ainda que a presente autora desta pesquisa já atuou como Educadora Social no Programa Integração AABB Comunidade, em Amargosa-Ba, voltada para a área de Direitos Humanos e Cidadania, e tem no projeto descrito nesta monografia uma inspiração acadêmica para suas atividades educacionais. Este programa social tem como público-alvo crianças e adolescentes com idade entre 6 e 14 anos, oriundas de famílias em situação de vulnerabilidade social e econômica, cujo objetivo é promover por meio de práticas pedagógicas o desenvolvimento integral (pensamento crítico e criativo, autonomia, inclusão e consolidação da cidadania) destes sujeitos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acesso às memórias e vivências a partir do público infantil durante o desenvolvimento do projeto de extensão realizado no espaço de educação não formal, CASA do DUCA, contribuiu significativamente para a recomposição da autoimagem e autoestima desta comunidade que, por sua vez, é produtora de saberes e riquezas culturais. Sendo assim, vale destacar o papel fundamental que a arte possui tanto na educação, quanto na vida pessoal e cotidiana deste público.

Somado a isso, “a arte possui uma função muito maior do que simplesmente ser bela, ser agradável, decorativa, a obra é a representação do que o artista vive, pensa e sente, o artista se molda em sua obra” (KLOH; WANDSCHEER, 2011, p. 3), além de permitir ao sujeito de expressar suas emoções, de representar o seu meio social e de adquirir novas experiências e saberes.

Deste modo, a figura do educador foi essencial também nesse cenário proporcionando não só um maior desempenho no processo de ensino-aprendizagem das crianças por meio de sua mediação, como também contribuiu para o fortalecimento de vínculos, a ampliação dos repertórios socioculturais desse público-alvo através da contação de histórias, pinturas, músicas, construção de instrumentos musicais, danças, o estreitamento das relações interpessoais, as situações diferenciadas de expressão das emoções, além de estimular a autoconfiança, a criatividade, o pensamento crítico, permitindo a elas alcançarem seus objetivos.

Portanto, vislumbra-se que o presente trabalho se transforme em um artigo científico a ser publicado em uma revista de impacto na área de Educação para que essa experiência seja compartilhada com outros profissionais, estudantes e simpatizantes da Pedagogia para a Liberdade e por uma infância diversa e não hegemônica, como bem defende Katz (2019).

Os desafios são imensos. Por isso, esta pesquisa é de suma importância porque possibilita novos olhares para a temática ainda pouco discutida no cenário educacional, além de permitir que a educação não formal seja cada vez mais compreendida como campo pedagógico de estudos e pesquisas, visto que, seu papel na sociedade é capacitar o ser humano para lidar com o mundo à sua volta e, conseqüentemente, resgatar valores e princípios para sua formação enquanto protagonista da sua própria vida.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, A. et al. Os lugares da educação. In.: _____. **Educação não formal: cenários da criação**. Campinas: Editora da Unicamp, Centro de Memória, p. 29-38, 2001.

ALMEIDA, R. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. São Paulo: Contexto, 2003.

AUGUSTO, C. et al. Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 51, n. 4, p. 745-764, 2013.

BARBOSA, A. M. **Arte-Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BLOISE, D. **A importância da metodologia científica na construção da ciência**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, v. 06, n. 05, p. 105-122, 2020. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/metodologia-cientifica>>. Acesso em: 09 mar. 2022.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/1241734/artigo-205-da-constituicao-federal-de-1988>>. Acesso em: 09 nov de 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB nº 9394, 20 dez de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 09 nov de 2022.

BRASIL. **Classificação Brasileira de Ocupações**. CBO nº 397, 10 out de 2002. Disponível em: <<http://aecessp.org.br/CBO.htm>>. Acesso em: 11 nov de 2022.

BRASIL. Casa Civil. **Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca_1ed.pdf>. Acesso em: 30 de nov. de 2022.

BUENO, S. M. et al. O diálogo no processo ensino-aprendizagem. **Temas em Educação e Saúde**, 2005.

CAPICHE, C. J.; MARTINS, L.; Capoeira: a utilização da cultura afro-brasileira na formação integral do aluno. **Projeto de pesquisa**, Nova Venécia-ES, 2018.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de educação**, Universidade do Minho, Braga- Portugal, v. 16, n. 02, p. 221-236, 2003.

CONTE, E. et al. Arte-educação e seus desdobramentos à formação pedagógica. **Acta Scientiarum Education**, v. 43, p. e47923-e47923, 2021.

DAMIÃO, S. Luz, câmera, educação: reflexão sobre o cinema infantil com estudantes da escola educandário luz do saber, queimadas-pb. **Trabalho de conclusão de curso**, UEPB, Campina Grande – PB, 2011.

DELORENZI, K. A. Formação discente: educação formal, não formal e informal. **Revista mais educação**, São Caetano do Sul, v. 2, n. 5, p. 634-639, 2019. Disponível em: <<https://www.revistamaiseducacao.com/sumario-V2-N5-2019>>. Acesso em 05 nov. 2022.

ESCARABOTO, Kellen M. Sobre a importância de conhecer e ensinar. **Psicologia USP**, v. 18, p. 133-146, 2007.

FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, v. 13, p. 155-161, 2005.

FERREIRA, A. P. **A importância do ensino de artes visuais na educação infantil**. Escola de Belas Artes da UFMG, Belo Horizonte, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Editora Paz e terra, 2005.

FUHRMANN, N.; PAULO, F. A formação de educadores na educação não formal pública. **Educação & Sociedade**, v. 35, p. 551-566, 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. Editora Atlas AS, 2008.

GODOY, A. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, São Paulo, v. 35, p. 57-63, 1995.

GOHN, M. G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: avaliação de políticas públicas**. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GOHN, M. G. Educação não-formal e o papel do educador (a) social. **Revista Meta: Avaliação**, v. 1, n. 1, p. 28-43, 2009.

GOHN, M. G. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em educação**, v. 2, n. 1, p. 35-50, 2014.

GOMES, M.; SILVA, Y.; SILVA, A. G. Educação não-formal: diálogos com a educação popular em Freire - o caso do grupo de leigos católicos. UFPE, Igreja Nova, 2016.

GOULART, L. Cultura africana—um desafio para a educação infantil. Trabalho de conclusão de curso, UNIJUÍ, Santa Rosa-RS, 2018.

GRACIANI, M. S. **Pedagogia social**. Cortez Editora, 2014.

KATZ, I. Infâncias Contra Hegemônicas para descolonizar a Psicanálise. **Revista N-1**, v. 03, n.04, s/p, 2019.

KLOH, R.; WANDSCHEER, M. Arte, uma necessidade humana: função social e educativa. **Itinerarius Reflectionis**, v. 2, n. 11, 2011.

- LAPLANTINE, F. **A descrição etnográfica**. São Paulo, Terceira Margem, 2004.
- LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, Editora da UFPR, n. 17, p. 153-176, 2001.
- LUÍS, J.; ANDRADE, S.; SANTOS, P. A atitude do educador de infância e a participação da criança como referenciais de qualidade em educação. **Revista brasileira de educação**, v. 20, p. 521-541, 2015.
- MACEDO, A. C. **Encruzilhadas da Interpretação na Umbanda**. Tese de Doutorado, Ribeirão Preto, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, USP, 2015.
- MACHADO, E. Pedagogia e a Pedagogia Social: Educação não formal. **Pedagogia em Debate Online-Textos**. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, p. 97-104, 2002.
- MELO, A. S; FILHO, O. N; CHAVES, H. Lewin e a pesquisa-ação: gênese, aplicação e finalidade. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 28, n. 1, p. 153-159, 2016.
- MINAYO, M.C. (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 22 ed. Rio de Janeiro: **Vozes**, 2003.
- MOREIRA, A.; FREITAS, M. C. **Pedagogia em espaços não escolares e suas principais funções**. Repositório Institucional, 2018.
- MOURA, E. M.; PAIM, M. M. A importância das Artes Visuais na aprendizagem das crianças. **Revista Apotheke**, v. 5, n. 3, 2019.
- OLIVEIRA, T.; VALENÇA, K. A importância da metodologia Científica para o Ensino e Aprendizagem no Ensino Superior. **Congresso Nacional de Educação–EDUCERE**, Curitiba, Paraná. 2015.
- OLIVEIRA, R.; MUZEL, A. A.; SANTOS, M. **A Importância da dança na educação infantil**. v. 6, p. 1, 2014.
- OLIVEIRA, J; TAVARES, L. **A importância do teatro na educação infantil**. 2020.
- PAIXÃO, S. O cuidar como afeto e as suas expressões na educação dos bebês. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Centro de Formação de Professores**, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2019.
- PETERS, O. **Didática de ensino à distância**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.
- REIS, G, M. Pedagogo em espaços não escolares: desafios e possibilidades. 2013. **Dissertação (Curso de Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação**, Faculdade de Educação da Universidade de Brasília,
- RODRIGUES, A. **Pintando o sete: práticas de pintura na educação infantil**. UFMG, Belo Horizonte, 2015.
- SANTOS, B. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos avançados**, v. 2, p. 46-71, 1995.

SAVIANI, D. Educação: do senso comum à consciência filosófica. -14.ed.- Campinas, SP: **Autores Associados**: 2002.

SCHLINDWEIN, L. M. As marcas da arte e da imaginação para uma formação humana sensível. **Cadernos Cedes**, v. 35, n. spe, p. 419-433, 2015.

SIERRA, V.M.; MESQUITA, W.A. Vulnerabilidades e fatores de risco na vida de crianças e adolescentes. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, Fundação Seade, v. 20, n. 1, p. 148-155, jan./mar. 2006.

SILVA, P. **A literatura afro-brasileira como possibilidade de construção identitária para as crianças negras**. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB, Amargosa, 2019.

SIMAO, S. M. Um experimento em arte-educação, fotografia e oralidade. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, v. 20, n. 2, p. 74-83, 2012.

SOUZA, J.; FERREIRA, J.; SOUZA, J. C. A importância da validação das emoções das crianças. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 10, p., 2021.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: **Cortez & Autores Associados**, v. 2, 1986.

XAVIER, R. Literatura infantil indígena: um olhar para a ancestralidade das crianças não indígenas no primeiro ciclo do ensino fundamental através dos contos indígenas. **Monografia**, UFPB, João Pessoa-PB, 2021.

XAVIER, P. P.; LOWENTHAL, F. Uma análise da cultura e história afro-Brasileira e indígena como disciplina: As práticas educativas de sociodiversidade, multiculturalismo e inclusão no combate ao bullying no ensino fundamental. **Revista Educação em Foco**, UNISEPE, Amparo-SP, 2016.

8. APÊNDICES



Ministério da Educação
 Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Pró-Reitoria de Extensão

**PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
 PIBEX**

Formulário mensal de acompanhamento de atividades

I. IDENTIFICAÇÃO

Bolsista	Kamilla de Almeida Leal
Orientador(a)	Alice Costa Macedo
Mês de referência	Julho
Título do projeto/programa	Memória, cultura e corporeidade: o universo infantil como produtor de saberes
Área Temática	<input type="checkbox"/> Comunicação <input checked="" type="checkbox"/> Cultura <input type="checkbox"/> Direitos Humanos e Justiça <input checked="" type="checkbox"/> Educação <input type="checkbox"/> Meio Ambiente <input type="checkbox"/> Saúde <input type="checkbox"/> Tecnologia e Produção <input type="checkbox"/> Trabalho

II. ATIVIDADES PREVISTAS PARA O MÊS

(Listar as atividades previstas no projeto ou programa para serem executadas no mês em questão)

Oficialização dos trabalhos voluntários que já estão sendo realizados nas comunidades pela equipe supracitada neste projeto. Transformação dos trabalhos voluntários em ações do Projeto de Extensão. Início dos grupos de estudos.

Estratégias para ação: continuação dos trabalhos nas comunidades citadas; seleção dos textos e materiais para estudo; início do grupo de estudos uma vez por semana.

III. ATIVIDADES REALIZADAS NO MÊS

(Listar as atividades realizadas no período)

Este primeiro momento foi um período de planejamentos, em que, juntamente com a orientadora, foram definidos quais textos serão utilizados, determinando que todas as quartas-feiras, a partir de 12:30h às 14:00h, ocorrerá a participação no grupo de estudos. E com relação aos trabalhos de intervenção, os mesmos começarão a partir do dia 25/07/2018, que serão desenvolvidos todas as quartas-feiras, a partir das 16:00h, no turno vespertino, no Centro Cultural “Casa do Duca”.

No dia 11/07/2018, no turno vespertino, ocorreu uma reunião com a orientadora do projeto abordando temas a respeito do mesmo, falando sobre a sua proposta, do seu interesse de trabalhar com crianças e visando sua intenção para um espaço de educação não formal (seja em uma ONG, associação ou projeto), tendo como ideia central tentar resgatar traços de memórias a partir da infância, enfatizando assim sua fonte de interesse na “Casa do Duca”, local onde podem ser realizadas intervenções com crianças. Além disso, sua metodologia está voltada para atividades não direcionadas, uma vez que, quando as crianças ficam sem direcionamento, muitas coisas podem surgir, como, por exemplo, conflitos, angústias, memórias, ou seja, é um brincar livre sem direção. E ao fim deste encontro, foram selecionados os textos e materiais de estudos.

No dia 18/07/2018, no turno vespertino, ocorreu uma reunião com a orientadora do projeto para oficializar os dias das intervenções no respectivo Centro Cultural citado acima, e afirmar que ocorreria uma outra reunião no turno noturno para saber como será realizada a divulgação nas comunidades, a fim de convidar as crianças a participarem das oficinas desenvolvidas no Centro Cultural “Casa do Duca” e, por fim, foi acertado que a mesma ocorrerá no dia 22/07/2018, às 15:30h.

No dia 22/07/2018, no turno vespertino, ocorreu na Rua dos Artistas, no bairro São Roque, na cidade de Amargosa-Ba, uma divulgação que foi realizada juntamente com o Teatro Negaça, projeto que também é desenvolvido na cidade, onde todos os integrantes que estavam presentes nesse ato, fizeram o uso de fantasias infantis, de instrumentos musicais, desenvolveram danças e brincadeiras com as crianças, cantarolaram músicas de roda, contaram uma história com fantoches e distribuíram panfletos aos seus pais a respeito das oficinas lúdicas que acontecerão todas as quartas-feiras, das 14:00h às 17:00h, no Centro Cultural “Casa do Duca”, portanto, o objetivo deste trabalho consistiu em convidar as crianças dessa comunidade a participarem dessas atividades.

IV. APRESENTAR JUSTIFICATIVA EM CASO DE NÃO REALIZAÇÃO DA (S) ATIVIDADE (S) PREVISTA (S).

Conforme texto supracitado em item anterior, as atividades previstas para o primeiro mês de trabalho foram eficazmente desenvolvidas: selecionamos os textos e materiais para estudo; demos início à pesquisa acadêmica e participamos do grupo de estudos uma vez por semana. Além disso, concluímos a etapa de planejamento e definição das intervenções no campo de atuação.

Por outro lado, houve uma mudança no campo de atuação do projeto: a proposta na Associação Criança Alegria de Viver na Baixa do Sapo, Amargosa-BA (como estava ocorrendo em 2017, através de um trabalho voluntário), foi substituída pelo projeto de intervenções no DUCA (espaço cultural da própria UFRB no centro de Amargosa – BA) com as crianças da comunidade São Roque.

Essa modificação ocorreu porque não havia transporte disponível na UFRB para levar as crianças da Baixa do Sapo ao DUCA (no centro). O DUCA oferecerá o espaço necessário e os recursos indispensáveis para o desenvolvimento dos grupos sociodramáticos, como previsto no projeto.

V. OBSERVAÇÕES DO ORIENTADOR(A)

(O orientador deve apresentar as suas considerações em relação às informações apresentadas pelo bolsista, nos itens acima)

A bolsista iniciou seus trabalhos de extensão conforme previsto por nosso cronograma, tendo demonstrado dedicação e comprometimento. Além disso, revela interesse em ir além em suas buscas acadêmicas e no envolvimento com as atividades culturais e artísticas da comunidade, ao participar de reuniões e ações com outros bolsistas de extensão da mesma universidade. De modo geral, desenvolveu, neste primeiro mês de atuação, seu trabalho satisfatoriamente.



Ministério da Educação
 Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Pró-Reitoria de Extensão

**PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
 PIBEX**

Formulário mensal de acompanhamento de atividades

I. IDENTIFICAÇÃO

Bolsista	Kamilla de Almeida Leal
Orientador(a)	Alice Costa Macedo
Mês de referência	Agosto
Título do projeto/programa	Memória, cultura e corporeidade: o universo infantil como produtor de saberes
Área Temática	<input type="checkbox"/> Comunicação <input checked="" type="checkbox"/> Cultura <input type="checkbox"/> Direitos Humanos e Justiça <input checked="" type="checkbox"/> Educação <input type="checkbox"/> Meio Ambiente <input type="checkbox"/> Saúde <input type="checkbox"/> Tecnologia e Produção <input type="checkbox"/> Trabalho

II. ATIVIDADES PREVISTAS PARA O MÊS

(Listar as atividades previstas no projeto ou programa para serem executadas no mês em questão)

Estratégia de ação: realização das atividades por meio de uma respectiva temática, no Centro Cultural Casa do Duca, através de oficinas lúdicas, músicas, brincadeiras direcionadas e não direcionadas, contação de histórias, dinâmicas, pinturas, cartografia; seleção dos textos e materiais para estudo; reunião do grupo de estudos uma vez por semana.

III. ATIVIDADES REALIZADAS NO MÊS

(Listar as atividades realizadas no período)

24/07/2018

Neste momento ocorreu uma reunião acerca de quais atividades seriam realizadas no dia seguinte e, em seguida, se deu a confecção das mesmas. Vale salientar que, as atividades deste período estão voltadas para a temática: cultura Indígena.

25/07/2018

Reunião com o grupo de estudos, das 12:30 às 14:00h, no Centro de Formação de Professores – UFRB, abordando assuntos sobre a Pesquisa Etnográfica e Educação Informal.

Após isso, das 14:00h às 17:00h, na Casa do Duca, as oficinas lúdicas passaram a ser desenvolvidas.

- Primeiro momento: ocorreu a inscrição das crianças.
- Segundo momento: acolhimento por meio de perguntas a fim de conhecê-las, tais como: nome, idade, etc.
- Terceiro momento: contação de história “conto indígena”
- Quarto momento: apresentação de imagens evidenciando algumas das brincadeiras indígenas.
- Quinto momento: oficina para a confecção de petecas.
- Sexto momento: brincadeira livre no pátio a fim de desenvolver nas crianças a corporeidade e, além disso, determinadas brincadeiras indígenas foram colocadas em prática.
- Sétimo momento: juntamente com as crianças ocorreu a arrumação dos materiais utilizados, com o objetivo de incentivá-las à cultivar responsabilidades.
- Oitavo momento: com o fim das atividades, aconteceu uma reunião com a orientadora para discutir pontos positivos e negativos acerca do primeiro dia oficina.
- Número de crianças: 7

26/07/2018

Reunião, no turno vespertino, na Casa do Duca, para tratar a respeito das atividades a serem desenvolvidas no dia 01/08/2018.

01/08/2018

- Primeiro momento: recepção dos alunos com músicas e brincadeiras.
- Segundo momento: apresentação da exposição sobre Dona Santa, mostrando sua importância e suas peculiaridades com as plantas que podem ser consideradas medicinais e, além disso, foram mostradas às crianças algumas das plantas que são utilizadas na produção de chás
- Terceiro momento: lanche (foi servido às crianças um chá feito com capim-santo, também conhecido como capim-limão, juntamente com rosquinhas)
- Quarto momento: contação de história “As serpentes que roubaram a noite”.
- Quinto momento: ocorreu, por meio de pinturas com tintas guaches, uma representação da história supracitada acima, no papel ofício A4. E além de simbolizar o que entenderam, iam aprimorando os seus conhecimentos acerca das cores primárias, secundárias e terciárias.
- Sexto momento: brincadeira livre no pátio.
- Sétimo momento: recolhimento dos materiais juntamente com as crianças.
- Número de crianças: 2

02/08/2018

Reunião, no turno vespertino, na Casa do Duca, para a elaboração das atividades do dia 08/08/2018.

08/08/2018

Reunião com o grupo de estudos, das 12:30h às 14:00h, no Centro de Formação de Professores – UFRB, para debater e divergir pontos a respeito do texto requerido “Ser Afetado”.

Após isso, na Casa do Duca, a realização das atividades previstas.

- Primeiro momento: acolhimento das crianças por meio de cantigas e brincadeiras.
- Segundo momento: apresentação da exposição sobre Dona Santa às crianças que não estavam presentes na semana anterior. Porém, dessa vez, solicitamos aquelas que estavam presentes apresentar as demais todo conhecimento que foi absorvido.
- Terceiro momento: contação de história “Subindo pro Céu”
- Quarto momento: representação dessa história por meio de pinturas com tintas guaches, no papel ofício A4.
- Quinto momento: lanche (suco e rosquinhas)
- Sexto momento: desenvolvemos a “Dinâmica do Urso” formando um círculo com todas as crianças, passando de mão em mão um urso e quem estiver com ele em mãos deveria falar o que tem vontade de fazer com ele. Ao final, deve-se pedir para que façam o mesmo que fizeram com o urso na pessoa do lado, portanto, o objetivo dessa dinâmica é basicamente mostrar que o outro é importante para a nossa vida, evidenciando o respeito para com o outro.
- Número de crianças: 5

No turno noturno, das 19:00h às 22:00h, no Centro de Formação de Professores, ocorreu uma Oficina de Elaboração de Projetos, ministrada pela professora Alice Costa Macedo, onde pude ter a oportunidade de conhecer um grupo que estagiarão no dia 22/08/2018, na Casa do Duca, onde os mesmos darão continuidade à temática proposta com base em suas atividades elaboradas.

09/08/2018

Reunião, no turno vespertino, na Casa do Duca, sobre as atividades a serem executadas no dia 15/08/2018.

15/08/2018

- Primeiro momento: recepção das crianças através de brincadeiras e músicas
- Segundo momento: demos continuidade à contação de história “Subida pro céu”, porém, uma das crianças que estavam presentes pediu para contar a história, concordamos com sua posição e então foi contando do seu jeito, por meio de gestos, representando o que entendia. Logo, ficou evidente que a mesma conseguiu entender a história anteriormente contada.
- Terceiro momento: após a criança ter feito a leitura, demos início à contação a partir de imagens, ou seja, no mesmo tempo o que era lido, figuras eram apresentadas.
- Quarto momento: ao fim da leitura, solicitamos a elas, a partir da massa de modelar, fizessem representações do que haviam entendido e em um papel metro demos início à oficina da construção de cartografia.
- Quinto momento: lanche (suco e biscoitos).
- Sexto momento: continuidade da cartografia.
- Sétimo momento: brincadeira livre sem direcionamento no pátio.
- Número de crianças: 5

16/08/2018

Reunião, no turno vespertino, na Casa do Duca, para tratar a respeito das atividades que os estagiários irão executar no dia 22/08/2018.

21/08/2018

Aconteceu na Casa do Duca, das 17:00h às 19:30h, um evento organizado pela professora Alice Costa Macedo, uma roda de conversa, tendo como convidada a Psicóloga Juliana Santos, da ONG “Entre Sorrisos e Encontros”, graduada pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, especialista em Psicanálise Clínica pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, abordando o respectivo tema: A psicanálise para além da clínica: a escrita em espaços de educação não formal.

22/08/2018

As atividades desta quarta-feira foram desenvolvidas juntamente com os estagiários do curso de licenciatura em Pedagogia, que se encontram no 5º semestre, do respectivo componente “Gestão do Trabalho Pedagógico em Ambientes não Escolares”

- Primeiro momento: contação de história “O fantasma da casa abandonada”
- Segundo momento: representação do texto supracitado acima a partir de pinturas com tintas guaches no papel ofício A4
- Terceiro momento: confecção de cocar sendo produzido com EVA e cola de isopor
- Quarto momento: lanche (suco e beiju)

- Quinto momento: confecção de pulseiras e colares com peças de bijuterias, as chamadas miçangas, e um tipo de massa alimentícia, o chamado macarrão, com o formato de tubos curtos
- Sétimo momento: brincadeira livre sem direcionamento no pátio.

23/08/2018

Reunião, no turno vespertino, na Casa do Duca, para tratar a respeito das atividades que serão desenvolvidas no dia 29/08/2018.

IV. APRESENTAR JUSTIFICATIVA EM CASO DE NÃO REALIZAÇÃO DA (S) ATIVIDADE (S) PREVISTA (S).

Com base em nossa experiência em campo, propomos, neste presente relatório, alterações no cronograma. Inicialmente, propusemos um trabalho a ser realizado em três comunidades, sendo duas em Amargosa (a comunidade rural de Três Lagoas e a Associação Criança Alegria de Viver) e uma em Feira de Santana (a ONG Entre Sorrisos e Encantos). Após uma primeira visita de reconhecimento de campo e, a partir de reflexões no grupo de estudos e pesquisas, constatamos que, como se trata de uma bolsa de seis meses de duração e de apenas um bolsista selecionado para o projeto, seria mais interessante se verticalizássemos a análise das intervenções e focássemos em apenas um espaço. O dispêndio financeiro e de tempo, além dos longos percursos entre as duas cidades e a zona rural e urbana de Amargosa, poderiam impactar negativamente o andamento do projeto. Neste sentido, a proposta inicial foi estabelecer, como espaço de atuação, a Associação Criança Alegria de Viver (AVAC), na Baixa do Sapó, Amargosa – BA, como previsto no projeto original. Porém, subseqüentemente à nova visita a campo, percebemos que o projeto ainda se encontra em um processo de reorganização estrutural. Portanto, optamos por selecionar este espaço (ACAV) como campo de pesquisa etnográfica e interventiva no âmbito de uma bolsa PIBIC, portanto, com o dobro da vigência (1 ano). Desse modo, seria viável aprofundar a pesquisa e a intervenção em um intervalo de tempo mais amplo.

Diante desse impasse e dessas reflexões, sugerimos que o ACAV demandava uma intervenção mais longa, exigindo, portanto, mais tempo; a comunidade de Três Lagoas localiza-se na zona rural de Amargosa e a ONG Entre Sorrisos e Encantos fica em Feira de Santana, o que exigiria longos percursos de deslocamento, conforme supracitado. Diante do exposto, optamos finalmente por desenvolver o trabalho deste projeto em parceria com outra proposta de extensão igualmente com o financiamento de uma bolsa PIBEX: o projeto “Oficinas Lúdicas: a arte e suas travessuras” supervisionado pela profa. Alessandra Gomes.

Unimos os dois projetos, propiciando a interação entre nossos objetivos, ao entrelaçar a ludicidade, as memórias e expressões artísticas infantis e as técnicas teatrais circenses, a partir de eixos temáticos. No caso do eixo deste mês de agosto: as culturas ameríndias. As oficinas estão sendo desenvolvidas, portanto, com uma média de 10 crianças do Bairro São Roque, em Amargosa, BA, no Espaço Cultural DUCA do Centro de Formação de Professores da UFRB.

No mais, manteremos o cronograma original de atividades. As únicas alterações, portanto, serão as seguintes: o espaço de atuação (o DUCA) e a presença do eixo temático em cada grupo lúdico com as crianças.

V. OBSERVAÇÕES DO ORIENTADOR(A)

(O orientador deve apresentar as suas considerações em relação às informações apresentadas pelo bolsista, nos itens acima)

A bolsista dá seguimento ao trabalho de extensão cumprindo satisfatoriamente suas atividades. Tem comparecido a todas as reuniões e executa com primor seu trabalho no âmbito da Educação em interface com a cultura.

Campus Universitário de Cruz das Almas, 710 – CEP: 44.380.000 – Cruz das Almas – BA

Tel.: (75) 3621-4315 / Fax: (75) 3621-3857

Site: www.ufrb.edu.br/proext



Ministério da Educação
 Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Pró-Reitoria de Extensão

**PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
 PIBEX**

Formulário mensal de acompanhamento de atividades

I. IDENTIFICAÇÃO

Bolsista	Kamilla de Almeida Leal
Orientador(a)	Alice Costa Macedo
Mês de referência	Setembro
Título do projeto/programa	Memória, cultura e corporeidade: o universo infantil como produtor de saberes
Área Temática	<input type="checkbox"/> Comunicação <input checked="" type="checkbox"/> Cultura <input type="checkbox"/> Direitos Humanos e Justiça <input checked="" type="checkbox"/> Educação <input type="checkbox"/> Meio Ambiente <input type="checkbox"/> Saúde <input type="checkbox"/> Tecnologia e Produção <input type="checkbox"/> Trabalho

II. ATIVIDADES PREVISTAS PARA O MÊS

(Listar as atividades previstas no projeto ou programa para serem executadas no mês em questão)

Estratégia de ação: realização das atividades por meio de uma temática, no Centro Cultural Casa do Duca, através de oficinas lúdicas, músicas, contação de histórias, dinâmicas, pinturas, cartografia, fotografias, desenhos com interferência, brincadeiras direcionadas e não direcionadas.

III. ATIVIDADES REALIZADAS NO MÊS

(Listar as atividades realizadas no período)

22/08/2018

Com o término das atividades ocorreu uma reunião com as professoras para tratarmos sobre como foram realizadas, as experiências obtidas nesse dia e averiguando propostas das atividades da semana posterior.

23/08/2018

Encontro com a outra estagiária para estruturar as atividades que seriam aplicadas, bem como organizar os materiais a serem utilizados.

29/08/2018

Entre os dias 29/08 – 31/08, ocorreu o festival AfroBafo, debatendo Gênero, Raça e Sexualidade, que propõe a construção e promoção de políticas de conhecimento cultural, junto à juventude e grupos culturais do território do Vale do Jiquiriçá de maneira a compor um espaço que promova debates direcionados aos estudos das identidades e que questionem a legitimação de normas e discursos sobre os corpos de mulheres, negras/os e LGBT's para assim lançar os saberes das diversidades no território, sendo realizado por meio de Oficinas Afrobafoônicas; Exposição Fotográfica aberta ao público; Músicas; Roda de Conversa; Cineclube; Palestra. Portanto, as atividades com as crianças foram suspensas pois algumas destas oficinas ocorreram no espaço da Casa do Duca onde fomos convidadas a participar deste festival. No dia 31/09, apresentamos ao público, na praça do Bosque, os resultados obtidos na oficina de dança da qual, durante esses dias, fazíamos parte.

05/09/2018

- Primeiro momento: acolhimento com as crianças por meio de cantigas na salinha de leitura. Posteriormente, para dar início à contação de história, uma esteira foi colocada no chão e ao seu redor almofadas embaixo de um toldo. No entanto, três das crianças presentes fizeram a folheação do livro (PURATIG: o remo sagrado) e contando do seu jeito a partir de suas observações às ilustrações das histórias.
- Segundo momento: após isso, fiz a leitura para eles sobre "O fantasma da casa abandonada" e ao final solicitei que desenhassem em um papel coisas que sentem medo. Ao acabarem, pedi para que explicassem seus desenhos, mas sempre lhes questionando porque tinham medo de determinados casos.
- Terceiro momento: lanche
- Quarto momento: continuidade à cartografia a partir das fotografias tiradas pela professora Alessandra, de seus rostos, feito isso, com a ajuda deles colamos no

papel metro, o objetivo dessa atividade é demonstrar a qualidade daquilo que é diverso, a diversidade cultural.

- Quinto momento: Brincadeiras livres

12/09/2018

- Primeiro momento: com o intuito de explorar seus movimentos corporais, realizamos com eles alongamentos e danças, a fim de estimulá-los às atividades posteriores.
- Segundo momento: foram entregues a eles bexigas de ar e tintas, onde deveriam encher, em seguida, fazer desenho daquilo que sentem medo e, por fim, estourá-las. Por meio de diálogos, pude constatar que a maioria de seus medos são causados a partir de elementos que veem na televisão, como por exemplo, medo de casa assombrada, árvore assombrada, zumbis.
- Terceiro momento: a hora do lanche
- Quarto momento: ocorreu a leitura da história "O medo que não se vê" e após isto houve a dinâmica da caixa vazia: apresentei para eles e perguntei quem teria coragem de colocar a mão nela. Todos responderam que sim exceto uma criança que sentiu medo por achar que teria algo dentro da caixa, mas falei a ela que o medo muitas vezes acontece dessa forma: o medo de enfrentar algo nos deixa sem ação para agir. Ao dizer isso ela, mesmo com medo, resolveu colocar a mão e percebeu que não tinha nada, compreendendo assim que o medo foi criado a partir de sua imaginação, ou seja, sentiu medo daquilo que não se viu.
- Quinto momento: recortamos suas fotos que colaram no papel metro deixando nelas algumas bordas para cada um trabalhar da forma que quiser no seu retrato, visto que, a ideia é inventar, "criar" em cima da sua fotografia, podendo ser colorido com lápis, giz de cera, tecidos, lã, recortes de imagens e plantas que gostem, ou sejam, que façam uma interferência na sua foto ao seu modo. Vale salientar que, um som ambiente se fez presente nas atividades, tornando assim os momentos mais aconchegantes e agradáveis.
- Sexto momento: caixas de papelão foram transformadas em "caixas das emoções". O objetivo é fazer com que as crianças, ao chegarem/saírem, escrevam seus nomes em um papel e coloquem na caixa de acordo com sua emoção (alegria, tristeza, zangado ou medo).
- Sétimo momento: brincar-livre

19/09/2018

- Primeiro momento: fizemos com as crianças alongamentos e, em seguida, com o auxílio de um CD com cantigas de roda, dançamos com elas, momento este que tende a permitir uma desenvoltura melhor nas atividades posteriores.
- Segundo momento: recontação da história "Subida pro céu" para montar novamente a cartografia com massas de modelas, visto que, em um determinado período, algumas crianças misturaram-nas.
- Terceiro momento: lanche
- Quarto momento: plantação "pé de feijão" em vasilhas descartáveis e cada uma decorou ao seu modo, portanto, essa atividade foi imposta a elas de maneira que pudessem entender que os índios produzem seus próprios alimentos. Posteriormente, foram informadas sobre os cuidados que devem ter para com o crescimento do alimento que fora plantado.
- Quinto momento: ao chegarem, as crianças a partir de um papel escreveram como estavam se sentindo e colocaram em uma das caixinhas das emoções
- Sexto momento: brincadeiras livres.

20/09/2018

Reunião no turno vespertino na Casa do Duca para a realização do planejamento de atividades referente à semana seguinte.

IV. APRESENTAR JUSTIFICATIVA EM CASO DE NÃO REALIZAÇÃO DA (S) ATIVIDADE (S) PREVISTA (S).

V. OBSERVAÇÕES DO ORIENTADOR(A)

(O orientador deve apresentar as suas considerações em relação às informações apresentadas pelo bolsista, nos itens acima)

A bolsista Kamilla Leal dá seguimento ao seu projeto de Extensão sempre de maneira responsável e muito comprometida. Revela criatividade, afinco no processo de planejamento e organização das atividades, além de talento no trabalho com grupos e especificamente com a infância.

Devo salientar que Kamilla tem participado da Comissão Organizadora do II Simpósio Nacional de Etnopsicologia (a ocorrer nos dias 8 e 9 de novembro de 2018 em Amargosa) e que já produziu o resumo de seu trabalho acadêmico submetido à análise da Comissão Científica do XII SEPIP – Encontro de Pesquisa Pós-Graduação, Extensão e Inovação da UFRB.



Ministério da Educação
 Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Pró-Reitoria de Extensão

**PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
 PIBEX**

Formulário mensal de acompanhamento de atividades

I. IDENTIFICAÇÃO

Bolsista	Kamilla de Almeida Leal
Orientador(a)	Alice Costa Macedo
Mês de referência	Outubro
Título do projeto/programa	Memória, cultura e corporeidade: o universo infantil como produtor de saberes
Área Temática	<input type="checkbox"/> Comunicação <input checked="" type="checkbox"/> Cultura <input type="checkbox"/> Direitos Humanos e Justiça <input checked="" type="checkbox"/> Educação <input type="checkbox"/> Meio Ambiente <input type="checkbox"/> Saúde <input type="checkbox"/> Tecnologia e Produção <input type="checkbox"/> Trabalho

II. ATIVIDADES PREVISTAS PARA O MÊS

(Listar as atividades previstas no projeto ou programa para serem executadas no mês em questão)

Estratégia de ação: realização das atividades por meio de um eixo temático, no Centro Cultural Casa do Duca, através de oficinas lúdicas, musicalizações, danças, contação de histórias, desenhos artísticos, filmes, dinâmicas direcionadas e não direcionadas, pinturas, exposição de regras, brincadeiras direcionadas e não direcionadas.

III. ATIVIDADES REALIZADAS NO MÊS

(Descrever as atividades realizadas no período)

26/09/2018

- Primeiro momento: alongamentos e danças com as crianças tendo a finalidade de estimulá-los às atividades posteriores.
- Segundo momento: colagem de suas atividades da semana anterior em um papel metro e em seguida, por meio de tintas guaches, fizeram seus nomes com o dedo nos espaços indicados.
- Terceiro momento: juntamente com eles, elaboramos regras, bem como, suas consequências.
- Quarto momento: lanche
- Quinto momento: dinâmica das emoções de acordo com as respectivas carinhas confeccionadas (triste, feliz, zangado ou medo).
- Sexto momento: confecção do varal com fotos das crianças e suas atividades produzidas.
- Sétimo momento: brincadeiras livres.

27/09/2018

Reunião na Casa do DUCA para organizar os materiais e elaborar as atividades da semana posterior.

03/10/2018

- Primeiro momento: alongamento com músicas, posteriormente, danças e cantorias.
- Segundo momento: ocorreu a “Sessão Pipoca” onde foi proposto às crianças um filme de animação comédia dramática de nome “Divertidamente” que trata a respeito das emoções, sendo estas, alegria, tristeza, medo, raiva e nojo, que vêm sendo trabalhado como eixo temático das atividades proporcionadas abordando a importância de cada uma delas em nossas vidas.
- Terceiro momento: diálogo com as crianças a respeito do filme.
- Quarto momento: atividade de colagem com formas geométricas (círculo, quadrado, retângulo, triângulo, dentre outras) de papel cartão colorido. A partir dessas formas as crianças poderão usar a criatividade de produzir desenhos através do filme, das cenas que mais chamaram atenção. Destacando assim o que entenderam e o que mais gostaram. Vale ressaltar que durante o filme foi ofertado a elas pipoca e suco.
- Quinto momento: arrumar os materiais juntamente com elas
- Sexto momento: brincar-livre.

04/10/2018

Reunião na casa do DUCA para a elaboração das atividades da semana seguinte.

09/10/2018

- Primeiro momento: alongamento com músicas e danças.
- Segundo momento: roda de conversa com as crianças sobre as regras que foram elaboradas e esse contato foi utilizado para transcrever ao papel as ideias deles acerca das regras.
- Terceiro momento: lanche
- Quarto momento: Atividades com as fotos das crianças, em que dessa vez elas irão dar um novo olhar as suas fotos, por exemplo, colorir suas fotos com o uso de tintas, lápis de cor ou giz de cera.
- Quinto momento: brincadeiras livres, arrumação dos materiais e no final entregamos a elas lembrancinhas que simbolizavam o Dia das Crianças.

11/10/2018

Ocorreu uma reunião na Casa do DUCA para elaboração das atividades da semana posterior.

16/10/2018

- Primeiro momento: interação com as crianças por meio de alongamentos, músicas e danças.
- Segundo momento: relembrar as regras que foram construídas na semana passada.
- Terceiro momento: contação de história a partir do livro intitulado “A formiga e a Pomba”
- Quarto momento: atividade a partir de desenhos artísticos sobre a história contada, em que por meio de folhas, lápis colorido, giz de cera, as crianças desenharam primeiramente com os olhos fechados e, em seguida, com os olhos abertos. Posteriormente, fizeram comparações entre ambos, destacando diferenças e semelhanças, dificuldades encontradas, dentre outros aspectos.
- Quinto momento: lanche
- Sexto momento: organização dos materiais
- Sétimo momento: brincadeiras livres

16/10/2018

Reunião na Casa do DUCA, em que por meios de diálogos foram expostos os acontecidos durante as atividades e, posteriormente, a elaboração do planejamento para a semana seguinte.

23/10/2018

- Primeiro momento: alongamentos por meio da musicalização e danças
- Segundo momento: relembrar as regras e suas consequências às crianças presentes
- Terceiro momento: recontação da história “A Formiga e a Pomba”

- Quarto momento: produção de desenhos artísticos com lápis de cor e papel a partir do que entenderam acerca da história contada, bem como, relatando o que mais chamou a atenção deles durante a leitura.
- Quinto momento: lanche
- Sexto momento: arrumação dos materiais juntamente com as crianças
- Sétimo momento: brincadeiras livres no pátio

IV. APRESENTAR JUSTIFICATIVA EM CASO DE NÃO REALIZAÇÃO DA (S) ATIVIDADE (S) PREVISTA (S).

V. OBSERVAÇÕES DO ORIENTADOR

(O orientador deve apresentar as suas considerações em relação às informações apresentadas pelo bolsista, nos itens acima)

A bolsista é impecável na execução do projeto, revelando sempre comprometimento, autonomia, originalidade e eficiência. Todas as atividades previstas no projeto e em nosso planejamento mensal são desenvolvidas com maestria. O projeto de extensão segue bem.



Ministério da Educação
 Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Pró-Reitoria de Extensão

**PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
 PIBEX**

Formulário mensal de acompanhamento de atividades

I. IDENTIFICAÇÃO

Bolsista	Kamilla de Almeida Leal
Orientador(a)	Alice Costa Macedo
Mês de referência	Novembro
Título do projeto/programa	Memória, cultura e corporeidade: o universo infantil como produtor de saberes
Área Temática	<input type="checkbox"/> Comunicação <input checked="" type="checkbox"/> Cultura <input type="checkbox"/> Direitos Humanos e Justiça <input checked="" type="checkbox"/> Educação <input type="checkbox"/> Meio Ambiente <input type="checkbox"/> Saúde <input type="checkbox"/> Tecnologia e Produção <input type="checkbox"/> Trabalho

II. ATIVIDADES PREVISTAS PARA O MÊS

(Listar as atividades previstas no projeto ou programa para serem executadas no mês em questão)

Estratégia de ação: realização das atividades por meio de uma respectiva temática, tal como, a cultura afro-brasileira no Centro Cultural Casa do Duca, através de oficinas lúdicas, músicas, contação de histórias, dinâmicas, produções artísticas, brincadeiras direcionadas e não direcionadas.

III. ATIVIDADES REALIZADAS NO MÊS

(Descrever as atividades realizadas no período)

25/10/2018

Apresentação por meio de pôster sobre o projeto “Memória, cultura e corporeidade: o universo infantil como produtor de saberes” no III Simpósio de Extensão, realizado na cidade de Cruz das Almas – Ba.

30/10/2018

- Primeiro momento: alongamentos e danças por meio de músicas com as crianças.
- Segundo momento: aprendemos uma música indígena de nome “Koi Txangaré”
- Terceiro momento: confecção de instrumentos musicais com garrafas pets e diversos tipos de grãos, como por exemplo, feijão, arroz, milho, grão de bico, dentre outros.
- Quarto momento: lanche
- Quinto momento: por meio dos instrumentos confeccionados ocorreu uma apresentação realizada pelas crianças a partir da música ensinada.
- Sexto momento: arrumar os materiais, a sala de leitura.
- Sétimo momento: brincadeiras livres.

01/11/2018

Reunião para a elaboração do planejamento das atividades da semana seguinte.

06/11/2018

- Primeiro momento: alongamento com músicas.
- Segundo momento: contação de história de nome “Tutu, o gato abusado”
- Terceiro momento: questionamentos acerca do que entenderam e em seguida produção de desenhos a partir da história contada.
- Quarto momento: pintura dos instrumentos que foram confeccionados na semana anterior.
- Quinto momento: lanche
- Sexto momento: arrumação dos materiais, a sala de leitura.
- Sétimo momento: brincar-livre

08/11/2018

Participação da Comissão Organizadora do II Simpósio Nacional de Etnopsicologia, uma parceria entre o Laboratório de Etnopsicologia da Universidade de São Paulo e o Centro de Formação d Professores, da UFRB, que ocorreu nos dias 8 e 9 de novembro de 2018 em Amargosa, além disso, fui convidada para compor a mesa intitulada "Ludicidade, Corpo e Arte", e através deste evento pude estar expondo um pouco mais acerca do projeto de extensão que é realizado no Centro de Artes "Casa do DUCA".

13/11/2018

- Primeiro momento: alongamento com músicas de capoeira (ex.: eu vim de Angola)
- Segundo momento: a partir das músicas pedir para que as crianças falem um pouco do que sabem a respeito da capoeira.
- Terceiro momento: documentário sobre a história da capoeira.
- Quarto momento: por meio de pinturas as crianças devem fazer desenhos daquilo que mais gostam em relação à capoeira (ex.: instrumentos).
- Quinto momento: lanche
- Sexto momento: dinâmica "Arranca-Rabo" – utilizada tanto para trabalhar a coordenação motora e agilidade do corpo, quanto para incentivar o trabalho em equipe.
- Sétimo momento: experimentação musical com Mestre de capoeira Vanginga.

14/11/2018

Reunião para o planejamento das atividades da semana posterior.

20/11/2018

- Primeiro momento: alongamento com músicas da capoeira.
- Segundo momento: dinâmica por meio do slide onde lhes foram apresentados os respectivos instrumentos musicais utilizados na capoeira, no decorrer era solicitado que elas falassem os nomes destes instrumentos.
- Terceiro momento: contação de história intitulado como "capoeira e liberdade".
- Quinto momento: lanche
- Sexto momento: brincadeiras africanas com as crianças, dentre estas, Terra-Mar, Ndule Ndule e Mdube Mdube.

14/11/2018

Reunião para a elaboração das atividades da semana seguinte.

IV. APRESENTAR JUSTIFICATIVA EM CASO DE NÃO REALIZAÇÃO DA (S) ATIVIDADE (S) PREVISTA (S).

V. OBSERVAÇÕES DO ORIENTADOR

(o orientador deve apresentar as suas considerações em relação às informações apresentadas pelo bolsista, nos itens acima)

A estudante Kamilla Leal dá continuidade ao projeto de extensão revelando dedicação competência e afinco. O projeto segue para a etapa de conclusão com resultados significativos e originais

Campus Universitário de Cruz das Almas, 710 – CEP: 44.380.000 – Cruz das Almas – BA

Tel.: (75) 3621-4315 / Fax: (75) 3621-3857

Site: www.ufrb.edu.br/proext



Ministério da Educação
 Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Pró-Reitoria de Extensão

**PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
 PIBEX**

Formulário mensal de acompanhamento de atividades

I. IDENTIFICAÇÃO

Bolsista	Kamilla de Almeida Leal
Orientador(a)	Alice Costa Macedo
Mês de referência	Dezembro
Título do projeto/programa	Memória, cultura e corporeidade: o universo infantil como produtor de saberes
Área Temática	<input type="checkbox"/> Comunicação <input checked="" type="checkbox"/> Cultura <input type="checkbox"/> Direitos Humanos e Justiça <input checked="" type="checkbox"/> Educação <input type="checkbox"/> Meio Ambiente <input type="checkbox"/> Saúde <input type="checkbox"/> Tecnologia e Produção <input type="checkbox"/> Trabalho

II. ATIVIDADES PREVISTAS PARA O MÊS

(Listar as atividades previstas no projeto ou programa para serem executadas no mês em questão)

Estratégia de ação: realização das atividades por meio de uma respectiva temática, tal como, da cultura afro-brasileira no Centro Cultural na Casa do Duca, através de oficinas lúdicas, músicas, exibição de filmes, contação de histórias, dinâmicas, produções artísticas, brincadeiras direcionadas e não direcionadas.

III. ATIVIDADES REALIZADAS NO MÊS

(Descrever as atividades realizadas no período)

04/12/2018

- Primeiro momento: Contação de história “Menina bonita do laço de fita”
- Segundo momento: confecção de imagens com massa de modelar
- Terceiro momento: confecção de bonecas em papel
- Quarto momento: lanche
- Quinto momento: produção de desenhos a partir da contação de história
- Sexto momento: brincar-livre

06/12/2018

- Primeiro momento: filme Kiriku e a Feiticeira
- Segundo momento: roda de conversa para tratar sobre questões do filme
- Terceiro momento: produção de desenhos a partir da exibição do filme
- Quarto momento: lanche
- Quinto momento: brincar-livre

11/12/2018

- Primeiro momento: alongamento com músicas
- Segundo momento: montamos, juntamente com as crianças, um painel que constava desenhos feitos por elas e os mesmos retratavam tudo aquilo que mais gostaram durante o decorrer do projeto.
- Terceiro momento: as crianças fizeram uma breve apresentação na salinha de leitura, falando sobre suas produções realizadas durante o projeto, bem como, demonstrando sentimentos pelo mesmo.
- Quarto momento: as crianças, por meio de desenhos, demonstraram o que o projeto foi para elas.
- Quinto momento: lanche
- Sexto momento: brincadeiras livres

13/12/2018

Reunião com as professoras para tratarmos a respeito do projeto e sua contribuição para a nossa formação enquanto futuras docentes.

17/12/2018

Encerramento das atividades do projeto “Memória, cultura e corporeidade: o universo infantil como produtor de saberes” no Centro Cultural Casa do DUCA.

- Primeiro momento: recebemos as crianças e suas mães
- Segundo momento: iniciamos uma roda de conversa com todos presentes, falando um pouco sobre o que foi o projeto, bem como, as atividades que as crianças desenvolveram durante esse processo de ensino-aprendizagem na casa do DUCA.
- Terceiro momento: as mães falaram o que para elas foi o projeto.
- Quarto momento: exibição de slide com fotos das crianças e suas produções artísticas.
- Quinto momento: finalizamos o projeto com uma graciosa confraternização.

IV. APRESENTAR JUSTIFICATIVA EM CASO DE NÃO REALIZAÇÃO DA (S) ATIVIDADE (S) PREVISTA (S).

V. OBSERVAÇÕES DO ORIENTADOR

(O orientador deve apresentar as suas considerações em relação às informações apresentadas pelo bolsista, nos itens acima)

A estudante Kamilla Leal durante todo o seu percurso no projeto de extensão, demonstrou sempre comprometimento, autonomia, originalidade, eficiência, envolvimento com as atividades culturais e artísticas da comunidade; compareceu em todas as reuniões; executou todas as atividades previstas com primor no âmbito da Educação em interface com a cultura. De modo geral, desenvolveu seu trabalho satisfatoriamente. Por fim, nesta etapa de conclusão, a bolsista foi impecável na execução do projeto, revelando dedicação, competência e afinco, obtendo resultados significativos e originais.